

EDUCAÇÃO FÍSICA

RAQUEL BELINTANI FERREIRA

**A MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
ALUNO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Rio Claro
2013

RAQUEL BELINTANI FERREIRA

A MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO NA
AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador: Prof. Dr. Samuel De Souza Neto

Co-orientadora: Prof. Ms. Marina Cyrino

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de licenciada em
Educação Física.

Rio Claro

2013

370 Ferreira, Raquel Belintani
F383m A mídia na construção da identidade do aluno na aula de
educação física / Raquel Belintani Ferreira. - Rio Claro, 2013
71 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Samuel de Souza Neto

Coorientador: Marina Cyrino

1. Educação. 2. Fatores midiáticos - Influência. 3. Alunos -
Desenvolvimento identitário. I. Título.

Resumo

Atualmente vivemos na era da informação, da comunicação e das tecnologias, que mantêm a sociedade em constante transformação, principalmente na educação e nos comportamentos das pessoas, influenciando direta ou indiretamente na construção da identidade pessoal ou coletiva. Pensando que a educação ocorre tanto na família, como na escola, é possível observar com mais clareza a influência destes elementos através da forma com que as crianças passam a se comportar em diversos ambientes. A mídia é cada vez mais parte integrada do nosso cotidiano, incluindo-se também o ambiente escolar, participando da vida dos alunos (BETTI, 2003). Para compreender a relação aluno-escola seguimos a perspectiva de Perrenoud (1995), pensando que a escola representa um lugar de muitas socializações, e que o desenvolvimento da identidade de aluno se desenvolve também nesse contexto, podemos questionar qual seria o papel da mídia? Esta tem influenciado? Em que? Para Identidade consideramos a perspectiva de Dubar (1995), que a considera como um processo em constante construção, sendo que existem meios específicos que contribuem para o desenvolvimento identitário, tanto a identidade biográfica como a relacional. Estabelecendo uma relação entre mídia e identidade, o presente estudo propôs-se a pesquisar a influência da mídia na construção da identidade de aluno, tomando como base as aulas de educação física, momento em que os estudantes tem maior possibilidade de expressão corporal. Como objetivo geral buscou-se compreender como os escolares constroem sua identidade de aluno a partir da influência da mídia na Educação Física. Especificamente: I. Identificar quais são os fatores midiáticos que influenciam na constituição da identidade de aluno; II. Analisar quais são os aspectos que compõe a identidade de aluno. Nosso trabalho se baseou em uma pesquisa de natureza qualitativa. Os participantes foram 15 alunos de uma escola pública da cidade de Rio Claro. Utilizamos como técnica para coleta de dados o questionário e a entrevista semi-estruturada. Separamos quatro importantes eixos que colamos em discussão, a saber: 1) Interações com a Mídia, 2) A Mídia na Dimensão Pessoal, 3) A Mídia na Vida do Aluno, e; 4) Retratos da Identidade de Aluno. Já nas considerações finais assinalamos que os alunos levam muitos elementos da vida pessoal para dentro da escola, e um elemento que influencia nesse processo é o contato que estes estabelecem com a televisão e a internet. Pois através disso se apropriam do que assistem, e posteriormente, compartilham com seus pares, principalmente durante as aulas de Educação Física. Além disso, as mídias também contribuem nos estudos e aprendizagens, embora em alguns momentos cause dispersão nos alunos. No que se refere a identidade enquanto aluno, este é entendido como alguém que segue a moral dos bons costumes, ou seja, é aplicado e estudioso. Dessa forma colocamos em reflexão o tipo de aluno que a escola está recebendo atualmente e propomos pensar em alunos que possuam identidades. Dessa forma, encerramos o trabalho, indicando a realização de novas buscas e representações sobre a vida de aluno.

Palavras-Chave: Identidade; Mídia; e Aluno.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
CAPÍTULO 1- O PROBLEMA DE ESTUDO	7
CAPITULO 2 - SOCIALIZAÇÃO, MÍDIA E EDUCAÇÃO.....	10
2.1 A SOCIALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	11
2.1.1 A Identidade de Aluno.....	14
2.1.2 O Ambiente Escolar	20
2.2 A MÍDIA	23
2.2.1 A Mídia Televisiva	24
2.2.2 A Mídia e o Consumo	26
2.2.3 A Mídia e sua Influencia na Educação.....	27
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	31
3.1 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA COLETA DE DADOS:.....	32
3.2 PARTICIPANTES E O CONTEXTO DO ESTUDO:	34
3.3 ANÁLISE DOS DADOS:	35
CAPÍTULO 4 - A MÍDIA NA VIDA DO ALUNO E NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE DE ALUNO	36
4.1 INTERAÇÕES COM A MÍDIA.....	36
4.1.1 O uso da Televisão e sua Finalidade:	37
4.1.2 O uso da Internet e as Redes Sociais:.....	38
4.2 A MÍDIA NA DIMENSÃO PESSOAL	41
4.3 A MÍDIA NA VIDA DO ALUNO	48
4.3.1 Atribuição Positiva:	49
4.3.2 Atribuição Negativa:	50
4.4 RETRATOS DA IDENTIDADE DE ALUNO	52
4.4.1 Eu sou aluno	55
4.4.2 Dialogando com a Educação Física	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IDENTIDADE CULTURAL COMO UM DESAFIO A SER EXPLORADO.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
APÊNDICES.....	66
Modelo de Questionário	67
Modelo de Roteiro de Entrevista:.....	69
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:.....	70

APRESENTAÇÃO

Este trabalho aborda as constantes mudanças midiáticas que acontecem em nossa sociedade, e como estas tem se relacionado com a identidade do aluno. Como pontos principais, apresentamos como a mídia tem influenciado os escolares, seja na vida pessoal como na vida escolar, enquanto exercem sua identidade de aluno. Essas influências se mostram nos comportamentos, vestimentas, linguagens, entre outras características dos alunos.

Durante o período de estágio curricular supervisionado, disciplina de Prática de Ensino, realizado com alunos do ensino Fundamental ciclo II e ensino Médio de uma escola pública estadual, observei a rotina escolar e os alunos, os comportamentos em momentos de entrada e saída das aulas, intervalos e principalmente, as aulas de Educação Física.

As aulas ministradas para os alunos do ensino médio abordavam como conteúdo o voleibol e o tênis de mesa. Esse grupo era chamado de Treinamento Esportivo, porque os alunos que compareciam estudavam em outro período e frequentavam essas aulas porque tinham interesse em treinar para competir pela escola, se exercitar ou somente ir para a escola.

As aulas para os alunos do ensino fundamental ciclo II tinha uma dinâmica diferente das aulas de Treinamento Esportivo. O conteúdo era abordado de acordo com o Caderno do Estado de São Paulo, e a professora dirigia a aula com a primeira parte dentro da sala de aula, contemplando o conteúdo teórico, e a segunda parte era a aula “livre”, na quadra e no pátio, onde os alunos escolhiam o que queriam fazer. Os meninos, em sua maioria, sempre optavam por futebol, enquanto as meninas com os demais meninos optavam por voleibol. Porém, algumas alunas preferiam ficar sentadas nas escadas ou mesas junto da professora, para conversarem, outras alunas, desrespeitavam as regras e saíam para lugares escondidos ou banheiros para escutarem músicas e dançarem, já que na escola o uso de celulares é proibido.

Para além das aulas de Educação Física, pude observar a própria rotina da escola. Os momentos de entrada e saída para as aulas eram semelhantes. Além da movimentação dinâmica dos alunos chegando ou saindo, do barulho

dos carros, das vozes conversando, gritos, xingamentos e risos, tinham também as músicas provenientes de aparelhos de mp3 e celulares de alunos que apresentavam vestimentas e estilos comuns, como por exemplo, corte de cabelo igual ao de jogadores de futebol ou cabelos pintados como os de atrizes de novelas e seriados.

O horário de intervalo parecia ser o mais esperado pelos alunos, já que os alunos membros do Grêmio Estudantil eram responsáveis pelo “som ambiente”. Eles levavam para o pátio um aparelho com uma caixa de som bem equipada, e durante os vinte minutos de intervalo, tocava-se as músicas escolhidas por eles. Às vezes havia discussões entre eles para escolher as músicas, mas eles mesmos conseguiam se organizar e resolver, sem precisar que outras pessoas interferissem.

Esse momento também era usado pelos alunos e alunas que gostavam de dançar, onde formavam pequenos grupos e se dispersavam pela escola, e era nesse meio que alguns se arriscavam mais na dança do que outros.

Tanto nas aulas de educação física como em outros momentos, era evidente a formação de grupos, onde se agregavam por afinidade, gostos e etc. Nesse meio conversavam sobre suas amizades, músicas, pessoas famosas e família.

E foi através da minha permanência no ambiente escolar que começou a surgir dentro de mim algumas inquietações e dúvidas, ao perceber a presença marcante da mídia dentro desse ambiente. Passei a me questionar se a mídia estava interferindo na vida desses alunos, se influenciava na maneira de ser, mas antes disso, queria entender quem eram esses alunos e qual a identidade de aluno que possuíam.

Dessa forma, apresentei à professora da classe a intenção de realizar uma investigação. A professora prontamente aceitou e sem resistências concordou com o procedimento, além de ter me dado apoio durante todo esse percurso. Esta pesquisa se tornou o presente Trabalho de Conclusão de Curso que está dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo desenvolvemos a revisão de literatura que aborda os processos de socialização, mídia e educação.

No segundo capítulo descrevemos a metodologia empregada nessa pesquisa, as técnicas utilizadas para coleta dos dados, apresentação dos participantes e como se deu a análise dos dados.

No terceiro capítulo reunimos todos os resultados, e juntamente com a apresentação inserimos também a discussão com a literatura, surgindo os seguintes tópicos: Interações com a Mídia, em que exploramos mais o uso da televisão e da internet pelos alunos; A mídia na Dimensão Pessoal; A Mídia na Vida do Aluno, em que apresentamos os pontos positivos e os negativos dessas mídias no que se referem aos estudos na opinião dos próprios participantes; e Retratos da Identidade de Aluno, que apresentamos a identidade de aluno e o que é ser aluno.

No quarto capítulo estabelecemos um diálogo entre os resultados e a Educação Física Escolar. Por fim, no quinto capítulo, apresentamos as considerações finais. Nas últimas páginas constam apêndices, documentos utilizados para a realização da pesquisa.

CAPÍTULO 1- O PROBLEMA DE ESTUDO

Atualmente vivemos na era da informação, da comunicação e das tecnologias, que mantêm a sociedade em constante transformação, tanto nos aspectos sociais, políticos, econômicos, quanto no que diz respeito aos comportamentos e à educação, influenciando direta ou indiretamente na construção da identidade pessoal e coletiva das pessoas.

No âmbito da educação, considerando que esta ocorre tanto na família, como na escola, é possível observar com mais clareza a influência destes elementos através da forma com que as crianças passam a se comportar em diversos ambientes. Dentre estes elementos, de maneira mais específica, a mídia tem grande contribuição.

Em nosso cotidiano percebemos sua forte presença em vários âmbitos, nos bombardeando diariamente com milhares de imagens, palavras e sons, sendo cada vez mais parte integrada do nosso dia-a-dia. Incluindo-se também o ambiente escolar, participando da vida dos alunos (BETTI, 2003).

Sendo assim, destacamos a relação entre escola e aluno na perspectiva de Perrenoud (1995), que apresenta o aluno e seu ofício, o ambiente escolar e as atividades que estão no centro desse ofício.

Pensando que em qualquer lugar da escola existe uma vida relacional muito rica e diversificada entre alunos ou entre estes e os adultos, que a escola representa um lugar de muitas socializações, e que o desenvolvimento da identidade de aluno se desenvolve também nesse contexto (PERRENOUD, 1995), qual seria o papel da mídia? Esta tem influenciado? Em que?

Estudos realizados por Strasburger et al (2011) mostram que os jovens fazem uso das mídias a todo o tempo. Rizzini et al (2005) acrescenta que as mídias mais acessadas pelos adolescentes considerando aquelas que utilizam os aparelhos de tela são: televisão, videogame, telefone celular, computador, e computador com acesso a internet. Portanto, podemos questionar quais são os efeitos, positivos e negativos, que esse fenômeno traz sobre os alunos, como as mídias tem se manifestado no ambiente escolar e qual a influência da mídia na identidade dos alunos.

Essas mídias são objeto de estudo de muitas pesquisas. Autores como Calabresi (2004), mostrou em seu trabalho que por trás dessas mídias de comunicação de massa, existe uma intenção. O autor estudou sobre beleza, mulher atleta e mídia, e constatou que a televisão e as revistas trabalham de modo a servir a sociedade capitalista, invadindo o universo feminino e ditando os padrões de beleza que devem ser seguidos, onde transformam os corpos em produtos de consumo para serem oferecidos.

Neste mesmo caminho Casarim (2012) afirma que os filmes publicitários veiculados pela televisão estão a serviço do capitalismo e do consumo. Trabalham em prol de uma ideologia carregada de valores pré-estabelecidos, que influenciam em nossa maneira de perceber o mundo.

As propagandas publicitárias são construídas de tal maneira que ao assistirmos temos a sensação de que algo nos falta para sermos completos como as pessoas daquela propaganda.

Não nos sentimos satisfeitos com a nossa realidade, sentimos a necessidade, o desejo de consumir determinado produto como preenchimento do que nos falta. Dessa forma, as propagandas são elaboradas e representam mais do que produtos, representam modos de ser.

(...) Porém, a insatisfação é sempre presente, nunca se tem o suficiente. Tudo é planejado e construído para que o indivíduo acredite que necessita do objeto, porém, assim que o conquista, outras necessidades emergem e o objeto possuído passa a ser obsoleto. (CASARIM, 2012, p. 27)

Além disso, a propaganda trabalha de modo a tentar convencer o indivíduo que a partir do momento em que o produto é adquirido, ele passa a ser melhor, mais bem visto. Insinua-se que a posse de determinadas mercadorias carregam valores que vão além da parte material do objeto, a parte subjetiva: “A aquisição do produto promete não apenas o pertencimento a sociedade capitalista, mas *status*.” (CASARIM, p. 28, grifos da autora).

Não podemos negar que a presença da mídia é marcante em nossas vidas interferindo naquilo que somos e em nossos gostos, não deixando também de influenciar nossa identidade.

Por identidade, compreendemos como um produto de sucessivas socializações. A identidade humana não é dada de uma vez por todas ao nascermos; ela se constrói na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida.

Para que isso aconteça, existem meios específicos que contribuem para esse processo de desenvolvimento identitário. O meio familiar, a relação com a mãe ou algum outro cuidador próximo, por exemplo, implica em uma identidade pessoal; já o meio escolar, na relação com os professores, outros adultos e com as próprias crianças/pares, implica na primeira identidade social ou coletiva.

Assim, podemos compreender que esta identidade social se constrói numa perspectiva biográfica (que corresponde a uma dimensão interna relacionada ao próprio indivíduo), e relacional (que corresponde a uma dimensão externa estabelecida entre o indivíduo e as instituições que ele interage).

Desta forma, propõe-se estabelecer uma relação entre mídia e identidade, e assim pesquisar qual é a influência da mídia na construção da identidade de aluno, tomando como base o ambiente escolar, principalmente nos momentos em que os alunos estão fora da sala de aula e as aulas de educação física, ocasião em que os estudantes tem maior possibilidade de expressão corporal.

Problema de Estudo

Apresentamos então como problema de estudo a seguinte questão...
Até que ponto a mídia influencia a criança na construção da identidade de aluno? Como os alunos se organizam em relação a este aspecto?

Objetivos

Como objetivo geral busca-se compreender como os escolares constroem a sua identidade de aluno a partir da influência da mídia no meio escolar.

Especificamente se busca:

- (I) Identificar quais são os fatores midiáticos que influenciam na constituição da identidade de aluno;
- (II) Analisar quais são os aspectos que compõe a identidade de aluno;

CAPITULO 2 - SOCIALIZAÇÃO, MÍDIA E EDUCAÇÃO.

O homem por si só não é espontaneamente um ser social, embora possua as capacidades cognitivas necessárias para torná-lo sociável. Para que essa socialização aconteça é necessário que essas capacidades sejam ativadas, desenvolvidas e transformadas em competências sociais efetivas.

Assim sendo, é preciso que desde a infância e durante a adolescência, as crianças e adolescentes interiorizem as disposições que os humanizam, tornando-os indivíduos sociais capazes de fazer parte de grupos.

O processo de socialização começa a se desenvolver na infância através das experiências vividas, consistindo em um processo dinâmico que integra a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente juntamente com a participação ativa da criança.

Belloni (2007) aponta que nesse processo de socialização, além da criança ser o ator principal, sujeito ativo, é também objeto da ação de várias instituições especializadas, como por exemplo: as famílias, a escola, as igrejas e as mídias.

Para a estruturação de sua personalidade, a criança além de interagir com tais instituições, também interage com os diferentes grupos de pares, formados na família, na escola e no bairro. A autora ressalta que “o processo de socialização é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento” (BELLONI, 2007, p. 59).

A família se coloca como um ponto crucial para a socialização primária de uma criança, pois é nela que a criança aprende a inibir e exteriorizar suas emoções, adquire linguagem, entre outros. Porém, em na atual sociedade, essa primeira inserção social vem sofrendo alterações que refletem no processo de socialização. Essas mudanças são: a maior participação da mulher no mercado de trabalho, as mudanças nas estruturas familiares (divórcio, famílias recompostas, monoparentais), a importância da mídia de massa, entre outros. Tais fatores contribuem para uma nova ordem no que

tange à inserção da criança nos costumes, crenças e atitudes da sociedade, o que muitas vezes faz com que a família terceirize as crianças para as escolas e instituições educacionais não-escolares, como as Organizações Não Governamentais (ONGs). A família, a classe social, e às vezes a religião são fatores que diferenciam as crianças, enquanto a escola e a mídia agem como fatores de unificação, difundindo valores e normas que se pretende que sejam comuns a todos os indivíduos de uma sociedade.

O objetivo da mídia e da escola, segundo Belloni (2007) é o consenso ou a coesão social, estas “desempenham o papel de guardiãs e de difusoras de uma espécie de síntese de valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social” (BELLONI, 2007, p. 59).

Assim, podemos ressaltar a mídia como uma ferramenta educacional. A televisão, por exemplo, se constitui como uma espécie de escola paralela, como um espaço de informação que possibilita a aprendizagem sem a intenção deste fim, bem como contribui para a reprodução de cultura, valores, etc.

Partindo dessa breve explanação, desenvolvemos nos próximos tópicos, os conceitos de socialização e identidade de aluno. A seguir, apresentamos a mídia e sua influência na vida dos alunos e na escola, ressaltando que esta também se apresenta como um lugar que possui funções específicas e que juntamente à suas obrigações escolares proporciona ao aluno oportunidades de desenvolvimento tanto pessoal como relacional.

Posteriormente, focalizamos o aluno enquanto um sujeito histórico, com suas próprias definições e identidades, e que tem como característica marcante a constituição de grupos de pertença.

Para finalizar, apontamos a influência da mídia na identidade de aluno, refletindo nos seus corpos e nos seus gostos.

2.1 A SOCIALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Conforme apresentado anteriormente, o desenvolvimento da identidade dos indivíduos está relacionado aos processos de socialização à que são expostos desde o nascimento, por isso, o presente tópico abordará os conceitos de socialização e identidade de forma acoplada.

Atualmente, um fenômeno alvo de muitas discussões e estudos em diversos campos do conhecimento é a identidade. Belloni (2007) desenvolve um estudo que apresenta a socialização e o desenvolvimento da identidade de acordo com várias perspectivas.

A autora coloca a perspectiva da sociologia interacionista que apresenta a identidade do indivíduo de forma conferida, confortada e transformada por processos sociais, até mesmo a personalidade é conferida por um processo social. Para essa perspectiva a autora cita Berger (2006):

A identidade de cada indivíduo não é, pois, algo pronto, dado e recebido, ela vai sendo atribuída e construída em atos de reconhecimento social. Mesmo sem considerar as questões biológicas, podemos dizer que, para Berger, o ser humano existe quando ele é reconhecido como humano, e que a criança privada de atenção e de afeição se desumaniza. A criança que é respeitada se respeita a si mesma, e um menino considerado como turbulento vai acabar por se tornar turbulento, e assim por diante... (BELLONI, 2007 p.69)

Na tendência da sociologia funcionalista norte-americana, Parsons (1995), influenciado pelas teorias clássicas de Durkheim, Weber e Freud, apresenta que a socialização deve assegurar a adaptação dos indivíduos ao seu meio social, tornando seus comportamentos conforme as normas.

A ação socializadora da sociedade, através de suas diferentes instituições, é concebida, do mesmo modo que as relações entre indivíduo e sociedade, como uma ação normativa, que fornece ao indivíduo um quadro normativo ao qual ele deve se adaptar (BOLLINET, SCHIMITT, apud BELLONI, 2007 p. 66)

A abordagem fenomenológica traz o processo de socialização em dois momentos: a socialização primária, própria à infância e à qual um indivíduo se torna um membro de uma sociedade e que acaba quando o conceito de “outro generalizado” estiver construído; e o conjunto ininterrupto de socializações secundárias, pelas quais os indivíduos de todas as idades, em sociedades complexas, interiorizam papéis, normas e representações diversas que lhe permitem se tornar atores em setores diferentes e situações novas.

Dessa forma “Berger e Luckmann (2006) elaboram uma concepção dinâmica de ator, sujeito a processos de socialização múltiplos e contraditórios, nunca acabados, porque inacabáveis, e se desenvolvendo ao longo da vida, e não apenas na infância.” (BELLONI, 2007 p. 70). Os autores chamam a

atenção para o caráter dinâmico e não determinado da socialização e para as possibilidades de transformações identitárias ao longo da existência humana.

Já Bourdieu (1971 apud BELLONI, 2007) mostra uma concepção determinista e através dos conceitos de *habitus* e dos diferentes tipos de *capital* (cultural, social, simbólico e econômico) mostram que o processo de socialização é permeado pelas desigualdades sociais no interior de qualquer sociedade.

A sociedade é composta por diferentes grupos sociais e pode ser representada como um sistema de posições diferenciadas, algumas dominantes e outras dominadas, o que evidencia um processo de socialização socialmente diferente.

A posição social de uma criança leva a um determinado tipo de socialização e à transmissão de um *habitus* específico, compreendido como “um conjunto de disposições, de maneiras de pensar, de sentir, de se comportar, socialmente constituído e incorporado pelos indivíduos” (BOURDIEU, 1971 apud BELLONI, 2007, p. 71).

Esse *habitus* apresenta uma dupla dimensão referente à dialética da relação indivíduo e sociedade, pois é a interiorização das estruturas objetivas (ação da sociedade que modela a personalidade dos indivíduos) e a exteriorização através dos seus comportamentos. A transmissão desse *habitus* está no processo de acumulação de capital simbólico e cultural que assegura a reprodução da sociedade.

Assim os indivíduos agem de acordo com seus *habitus*, específicos de suas classes sociais e tem a ilusão de poderem escolher, porém é a sociedade que determina sua ação através de seu *habitus*.

Para contrariar um pouco essa visão, Habermas através da sua teoria da ação comunicativa traz que o processo de socialização tem a função de criar identidades pessoais, formar atores responsáveis num processo baseado em relações intersubjetivas e na intercompreensão, se distanciando das concepções deterministas. A socialização neste caso corresponde à pessoa e constitui o processo de formação da personalidade.

Através das competências, os sujeitos adquirem a faculdade de falar, agir e participar dos processos de intercompreensão e aí afirmar sua própria identidade: “É na interação com as pessoas de referência que agem de

maneira competente que os adolescentes interiorizam as orientações axiológicas de seus grupos sociais e adquirem capacidades práticas generalizadas” (HABERMAS, 1987, p.435 apud BELLONI, 2007, p. 74).

Sendo assim, para Habermas a socialização consiste num processo interativo, onde a criança interage a partir das situações novas e experiências de seu mundo vivido, do espaço social e das tradições culturais que formam seu meio ambiente. Ressalta-se também que a interação com seus pares é fundamental e importante no processo de socialização.

Porém, a identidade tem sofrido muitas alterações, carregando um aspecto de crise, conforme traz Santos (2009), a chamada “crise de identidade”. Porém, de acordo com Benites (2007), Dubar (1995), Perrenoud (1995), Schoen-Ferreira (2003), que também trabalharam com a temática da identidade, seja a identidade profissional, a identidade pessoal, etc., a compreendem como um processo em construção. Para este trabalho, optamos pela perspectiva de Dubar (1995), a qual será tratada no próximo tópico.

2.1.1 A Identidade de Aluno

Compreendemos a identidade de um indivíduo como aquilo que ele tem de mais precioso, sendo que sua perda é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte. Essa identidade não é dada ao nascer, ela é construída na infância, devendo reconstruir-se sempre ao longo da vida, sendo que o indivíduo nunca a constrói sozinho, ou seja, depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições, se constituindo em um produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1995).

Desta maneira, o autor também defende a ideia de que a socialização é o berço para que o indivíduo consiga desenvolver sua identidade. E essa primeira socialização ocorre no seio familiar e é onde também se iniciam as primeiras identificações culturais, como por exemplo, a identidade sexual, étnica e de classe social que são as dos seus pais, de um deles ou dos que estão encarregados de o educar. Apresenta que a primeira identidade experimentada pessoalmente pela criança é construída na relação com a mãe ou com aquela(e) que a substitui.

Já a primeira identidade social é dada pelas categorizações dos outros, especificamente dos parceiros da escola (professores e pares). Esta é conferida pelas instituições e pelos que rodeiam o indivíduo, “tanto na base das pertencas étnicas, políticas, religiosas, *performances* escolares. A escola primária constitui, assim, um momento decisivo para a primeira construção da identidade social” (DUBAR, 1995 p. 112 e 113).

Belloni (2007) traz também o conceito de identidade de Mead (2006), que propõe a socialização não somente como o processo de transmissão e interiorização da cultura, mas também como o processo de constituição do ser social, de construção da identidade pessoal, no contato com o outro.

O elemento mais importante aqui é, sem dúvida, a compreensão do processo de socialização como construção de identidade que ocorre na interação, o que implica em reconhecimento social do personagem que se constrói, a consideração do outro e a incorporação de papéis sociais que significam a aprendizagem de modelos. (MEAD, 2006, apud BELLONI 2007, p. 67).

Dubar (1995, p. 81) também caminha nessa perspectiva e apresenta uma possível definição de identidade que consiste na relação de reconhecimento recíproco: “a identidade do eu só é possível graças à identidade do outro que me reconhece, identidade essa dependente do meu próprio conhecimento”.

Assim também, Perrenoud (1995, p. 15), afirma que “para existir, dependemos dos outros de uma forma ainda mais fundamental: temos necessidade que os outros nos reconheçam uma identidade, uma utilidade, o direito de ser o que somos, de fazer o que fazemos”. Portanto, o autor traz que exercer um ofício, ter um trabalho é uma maneira de ser reconhecido pela sociedade e existir numa organização.

Nesse sentido, o autor insere o trabalho como uma ferramenta identitária fundamental para que um sujeito possa ser reconhecido na sociedade. Porém, o trabalho não corresponde só à vida de adulto, também está presente na vida das crianças e adolescentes, considerando que estes também possuem suas identidades. E qual é o trabalho ou ofício destes? Para o autor, existe um ofício de criança, e dentro disso encontramos um outro ofício, que é o de estudar.

Perrenoud (1995) nos faz pensar quando coloca que em nossa sociedade, espera-se que os pais sustentem os filhos para que estes possam

se dedicar de dez a vinte anos de suas vidas à escola, sendo que o estatuto da infância e da adolescência traz que “os jovens são sustentados durante todo o tempo em que estudam” (PERRENOUD 1977 apud PERRENOUD 1995 p. 14).

Tal fato se torna evidente quando o adolescente começa a se aproximar da idade adulta e as famílias começam a cortar as mesadas porque estes não estão levando os estudos a sério, ou não vão mais obter o diploma desejado. Dessa forma, as crianças e adolescentes tiram os seus meios de sobrevivência através do trabalho escolar, consistindo em um ofício de criança, que trata “desde o nascimento, de consagrar o melhor de si mesmo e adequar-se às expectativas dos adultos e, particularmente, a preparar-se para se tornar um bom aluno” (PERRENOUD, 1995 p. 15).

Portanto o ofício de aluno é apenas um componente do ofício da criança e do adolescente nas sociedades em que essa fase da vida é considerada como uma preparação.

As crianças passam a maior parte de sua infância e adolescência na escola, e é dentro deste ambiente que o indivíduo se torna aluno, e que o aluno desenvolve sua identidade.

Em resumo a identidade de aluno se dá através do ofício de aluno (PERRENOUD,1995). Como na vida adulta, um indivíduo para ser reconhecido socialmente deve ter um trabalho, assim também é para o aluno, porém o seu trabalho/ofício consiste no aprender na escola, já que ainda não entrou na “vida verdadeiramente ativa”, que é a vida adulta.

A importância dessa aprendizagem é que ao aprender seu ofício de aluno, ele aprende também o ofício de cidadão, de ator social ou de trabalhador. Perrenoud (1995) não usa “ofício” sob o ponto de vista das qualificações acadêmicas ou profissionais, mas sim das “disciplinas” que permitem que desempenhemos bem uma função produtiva no seio de uma organização, com tudo o que isso implica de prazos, de visibilidade, de respeito pelas normas quanto aos recursos a empregar, às técnicas a utilizar, às autoridades a consultar em cada etapa de um trabalho.

Concluindo esse pensamento, encontramos em Sacristán (2005) o aluno visto como uma construção social inventada pelos adultos, considerando que são os adultos que tem o poder de organizar a vida dos não-adultos.

É tão natural ser aluno e vê-lo em nosso cotidiano que não nos questionamos o que significa ter essa condição social que é contingente e transitória. Damos como certo e natural que em uma etapa da vida, o papel das pessoas é ir às instituições escolares todos os dias. O fato de crianças e jovens “serem escolarizados desde os 3 até os 15 anos é uma forma estatisticamente *normal* de estar em nossa sociedade” (SACRISTÁN, 2005, p. 13, grifos do autor). Considerando que desempenhamos essa função durante algum tempo de nossas vidas, estamos propensos a dar ao conceito de aluno o mesmo significado que teve para nós: “Ninguém nos ensina, nos narra ou nos teoriza o *que é ser um aluno*. Não é preciso. Sabemos de antemão graças às vivências que tivemos como tais.” (SACRISTÁN, 2005 p. 20).

Em nossa sociedade, “a categoria de *aluno* é uma forma social por antonomásia de ser *menor* ou de viver a *infância* e a *adolescência*” (Ibidem, p.20), portanto vemos o modo de ser aluno como uma maneira natural de ser criança. Nessa circunstância, representa-se o menor (não-adulto) como “seres escolarizados de pouca idade” (Ibidem, p.12), já que são os adultos que os definem e falam por eles, pois sua voz não é importante. Nessas situações, é normal encontrar um grupo de menores com certa identidade, pois:

em torno da categoria *aluno*, formou-se toda uma ordem social na qual se desempenham determinados papéis e se configura um modo de vida que nos parece muito familiar porque estamos acostumados a ele. Essa ordem propicia e “obriga” os *sujeitos* nela envolvidos a serem de uma determinada maneira (SACRISTÁN, 2005 p. 14).

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio-Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2006) o aluno é visto como um sujeito sociocultural, que deve ser entendido na sua condição de jovem, compreendendo-o nas suas diferenças, percebendo-o como sujeito que se constitui como tal a partir de uma trajetória histórica, por vezes, com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos e com projetos de mundo bastante peculiares. As estratégias e formas próprias de ler a realidade e entender o mundo são construídas a partir de definições de identidades. Os alunos agregam a essa condição de jovem um conjunto de marcas simbólicas que são extremamente importantes para a sua constituição, como por exemplo, as condições de pertencimento.

Mais que alunos e jovens, eles constroem suas subjetividades e identidades a partir de condições de pertencimento a determinado gênero, etnia, classe social, prática religiosa, orientação sexual, etc. (BRASIL, 2006 p. 220).

Nesse sentido, Perrenoud (1995) traz que qualquer grupo social organizado constrói a sua própria cultura, ou seja, um conjunto de saberes, de saber-fazer, de regras, de valores, de crenças, de representações partilhadas que contribuem para afirmar sua identidade coletiva e o sentimento de pertença de cada membro e para permitir o funcionamento estável do grupo ou da organização. “Quando nos tornamos membros de um grupo ou de uma organização, para sermos de corpo inteiro somos levados a assimilar essa cultura” (PERRENOUD, 1995 p.62).

Para uma compreensão mais ampla do aluno que estamos tratando neste estudo, usamos a Proposta Curricular para o Ensino de Educação Física 2º Grau (ÁVILA; BARROS, 1992), que traz uma discussão sobre o tema da adolescência, que para fins didáticos separou em quatro enfoques diferentes.

O primeiro é o enfoque cultural da adolescência. Esse período é determinado pela cultura e pelo contexto sociocultural, e significa que diferentes culturas podem expressar diferentemente o período que nossa sociedade chama de adolescência. O que existe de universal no período da adolescência é a puberdade, onde o jovem torna-se apto à procriação. A forma como esse dado biológico se manifesta em cada sociedade é variável, como por exemplo, nas classes econômicas menos favorecidas, o final da adolescência ocorre precocemente, devido à necessidade dos jovens terem de trabalhar.

A adolescência responde também a determinadas expectativas da sociedade onde ele está inserido. Essas expectativas referem-se ao tipo de adulto que a sociedade espera criar.

O segundo enfoque é cognitivo e permite conhecer o grande e novo potencial imaginativo do jovem. O adolescente passa a ser capaz de abstrair, criar hipóteses, fazer suposições, propor, criticar, e o jovem passa a usar esta nova capacidade em toda a sua vida, não fica restrito somente a escola. O adolescente passa a se interessar por assuntos até então desconsiderados, como política, economia, questões filosóficas e religiosas. Também problematiza e propõe soluções, já que a nível hipotético tudo é possível.

O terceiro enfoque do adolescente é o afetivo, e traz como características desta fase um desligamento familiar do jovem, sendo que esse desligamento não é necessariamente físico, é simbólico também. Nessa época da vida, o jovem começa a pensar em si e no seu futuro, ampliando seu campo de visão, desta maneira há a negação dos pais, porque até então, estes representavam os limites e valores da sociedade. Esse processo de negação e diferenciação dos adolescentes em relação aos pais pode ser considerado normal, embora alguns pais não suportem certos comportamentos diferenciados dos filhos, como por exemplo, um brinco na orelha de um jovem, um cabelo pintado de verde, o uso de uma nova gíria, etc.

Esse desligamento familiar é acompanhado por dois importantes fatos, o primeiro é o deslocamento do afeto para fora da família, devido ao desenvolvimento da sexualidade e o início de namoros. O segundo fato é a procura pelos grupos. Essa procura é importante para que os adolescentes convivam com seus pares, conversem usando a mesma linguagem, sigam os mesmos padrões de roupas e exercitem a mesma lógica formal. Mas também existe o risco do adolescente se vincular a grupos indesejáveis, como os de drogas e pequenos delitos. A solução para isso consiste num diálogo aberto e franco, entre pais e adolescentes, entre educadores e alunos mostrando, por exemplo, os perigos e consequências do uso de drogas.

O quarto e último enfoque é o físico, das mudanças corporais que os adolescentes passam e as representações sociais a elas vinculadas. Essas mudanças físicas podem ser analisadas pelo prisma quantitativo, como as novas dimensões e as possibilidades do corpo em transformação. O crescimento físico não ocorre simultânea e harmoniosamente por todo o corpo. Essa rápida mudança causa certo desajeitamento motor, uma desarmonia de movimentos. Dessa maneira, os adolescentes ganham um corpo que exige uma reordenação dos movimentos com relação ao espaço, aos materiais e aos outros.

Existem também as mudanças qualitativas, como por exemplo, o que esse novo corpo passa a representar na sociedade, o adolescente percebe que seu corpo tem um significado social, ele entende que seu corpo será visto, analisado e avaliado pelas normas e valores da sociedade. Agora seu corpo o identifica na sociedade, o diferencia dos outros, traz um status de quase adulto

e lhe exige novos comportamentos. O próprio adolescente passa a se ver com os olhos da sociedade e inconscientemente incorpora os padrões da onde vive.

Finalizamos ressaltando que uma das maneiras dos jovens construir suas identidades é pertencendo a determinados grupos. O ambiente escolar é bastante propício para a construção dessa identidade, devido ao tempo que os alunos passam na escola além das interações sociais e culturais que realizam.

Nesta direção, Schoen-Ferreira et al. (2003) discute a questão da identidade, voltada para o público adolescente, assinalando que esta é influenciada por fatores intrapessoais (capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), interpessoais (identificação com outras pessoas), e culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários). Para a autora, a identidade pessoal se dá ao indivíduo perceber-se como sendo o mesmo e contínuo no tempo e no espaço, e, ao perceber que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade.

Partindo dessas explicações, cabe a nós novos questionamentos e novos olhares sobre esses seres não-adultos. Olhares que caminhem para o sentido contrário da naturalização de que ser aluno é aquilo que os adultos e a sociedade de maneira geral impõem para essas crianças e adolescentes: Será que estes alunos são realmente estimulados a se perceberem com uma identidade e uma personalidade própria, ou só reproduzem os comportamentos que vem das antigas gerações ou aquelas que são vinculadas pela mídia?

2.1.2 O Ambiente Escolar

Ao estudarmos o aluno precisamos levar em conta o ambiente em que este se encontra inserido. No nosso caso, consideramos a escola, porque é aí que os alunos passam e dedicam muito tempo de suas vidas. Tardif (2010) aponta que os alunos passam na escola em torno de 12 anos, ou seja, 15.000 horas nos países industrializados, e Perrenoud (1995) mostra que os alunos passam de 10 até 20 anos.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2006) apresenta uma escola que consiste em um espaço sociocultural e da diversidade, repleto de peculiaridades, valores, rituais

e procedimentos que lhe são próprios. A escola também é resultado daquilo que cada um dos seus sujeitos faz dela (professores, pais, alunos, funcionários, etc.). “É um lugar de produção, criação e reprodução de cultura, de valores, de saberes: tempo/espço de encontros, tensões, conflitos, preconceitos” (Ibidem, p. 219, grifos nossos). A escola possui regras fixas, métodos de ensino e avaliação, além de comportar acatamentos, resistências e enfrentamentos por parte dos sujeitos.

Não podemos deixar de concordar com Perrenoud (1995) que mostra que dentro da escola existe uma vida relacional muito rica e diversificada entre os alunos ou entre estes e os adultos. O autor considera a escola como um lugar de preparação para vida, e detecta dentro da escola todos os componentes da vida sentimental e relacional dos adultos, além das atitudes, as paixões, os mecanismos de agressão e defesa, entre outros.

A escola é um meio de vida social tão rico, complexo e ativo como a maior parte dos meios profissionais, tem como função preparar o indivíduo para a vida, seja a vida num grupo restrito como numa organização burocrática. Prepara também para além da escolarização, aprender a viver e funcionar em outras organizações, quer seja como trabalhador, cliente, etc.

Dessa forma a escola se estabelece como um local de riquíssimas interações sociais, culturais, aprendizados para a vida, trazendo contribuições pessoais e morais, além de ser o meio propício para o desenvolvimento cognitivo do aluno, se constituindo como um lugar de aprendizagem essencial.

Outros autores trazem outros olhares e contribuições da escola, como apresenta Cyrino (2012, p.18), que a escola contribui para a formação não só de alunos, mas também de professores: “Reconhecemos, nesse sentido, que a escola como espaço de formação de cidadãos, tem o papel imprescindível na formação dos professores que ali atuam e de seus futuros profissionais”.

Paulo Freire faz um poema onde apresenta a escola de outra perspectiva:

Escola é

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

(Paulo Freire)¹

E de outra perspectiva, Sacristán apresenta que:

As escolas são uma invenção cultural singular caracterizada por sua aparência física reconhecível, uma forma de utilizar o espaço e o tempo, um modo de desenvolver a atividade dos alunos (de aprender, de levar uma vida social, etc.), desempenhar certas funções e se relacionar com o mundo dos mais velhos. É um meio institucional regulado pelos adultos que, em princípio, não foi pensado para satisfazer as necessidades dos menores, tal como hoje os concebemos. Suas carteiras, seu horário, a sucessão de graus e níveis, o conteúdo dos currículos, as provas, seus professores especializados, etc. não foram constituídos graças aos menores nem, necessariamente, pelo bem deles. A ordem escolar segue uma lógica econômica, de interesses nacionais, tem a finalidade de reproduzir rotinas convencionadas pela tradição, de discipliná-los, etc., todo um regime de vida para o menor, transformando em aluno com base em um sistema escolar que é prévio a ele. A lógica das finalidades das escolas não tem como referência prioritária as crianças e os jovens, embora todos os esforços sejam nesse sentido. (SACRISTÁN, 2005 p. 138)

Libâneo (2006 p. 25) apresenta uma escola que possui culturas jovens:
“Os jovens continuam indo a escola, mas carregam consigo saberes, linguagens, comportamentos que, de alguma forma, afetam as relações

¹ Disponível

em <http://www.cuidademim.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=125:a-escola-e&catid=45&Itemid=82> acessado em 26/11/2013

escolares convencionais.” Essa temática vem ganhando mais espaço porque se refere à relação entre os jovens, mídias e aprendizagem escolar. O autor ainda complementa mostrando que é preciso pensar a escola nas suas interconexões com os elementos da realidade:

A escola é um espaço de síntese, ou seja, ela é o lugar de síntese entre a cultura experienciada e vivenciada pelos alunos nas mídias, na cidade, na rua, no cotidiano da cultura, e a cultura formal¹². Ou seja, é um lugar onde os alunos aprendem a razão crítica para poderem atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, multimídias e formas de influência educativa urbana. À escola cabe prover as condições cognitivas e afetivas para que os alunos (re)ordenem e (re)estruturem essa cultura, propiciando-lhes os meios de buscá-la, analisá-la, para lhe darem significado pessoal e produzir conhecimento. (LIBÂNEO, 2006 p. 37)

Partindo dessas explanações sobre o ambiente escolar, ressaltamos sua importância para a vida de todas as pessoas que permanecem nesse meio, como um local de formação, tanto para os alunos como para os professores em exercício e os professores em formação, como demonstrados pelos autores. Devemos considerar que a escola abrange todo o tipo de gente, desde os alunos, até os funcionários e comunidade, além de ser um local onde emergem muitos tipos de emoções e experiências.

2.2 A MÍDIA

Tomamos por mídia os meios de comunicação social, que se referem aos veículos responsáveis pela difusão das informações, como por exemplo, os jornais, rádio, televisão, vídeo, entre outros. (CONTI et al. 2010)

Para Melo (1999), o conceito de comunicação de massa (WRIGHT, 1968), fenômeno popularmente brasileiro pelo termo mídia, foi estabelecido pela sociologia norte-americana para caracterizar o sistema de difusão cultural gerido pelas modernas empresas que comercializam informação e entretenimento.

Toledo (1999) traz que a chegada do século vinte marcou definitivamente a história da humanidade com a Era da Comunicação de Massa, que modificou a maneira de o homem viver, ver o mundo e relacionar-

se socialmente. Hoje vivemos em uma sociedade saturada de informações, imagens e sons, caracterizados pela imprensa, rádio, televisão, cinema, histórias em quadrinhos, pôsteres etc., que modificaram não apenas a presença humana no mundo, mas a própria sociedade.

No presente tópico apresentamos inicialmente sobre a mídia televisiva e posteriormente explanamos a relação deste objeto de comunicação com o consumo, sua influência na vida das pessoas, bem como na educação.

2.2.1 A Mídia Televisiva

Percebemos que nosso cotidiano é carregado de informações, imagens e sons representados pelas mídias que transformam e influenciam constantemente nossas vidas, seja no âmbito político, educacional e de comportamento social.

A influência que esses meios de comunicação têm sobre nós são bastante discutidos. Em termos quantitativos, há um veículo que monopoliza hoje as atenções dos consumidores, que é a televisão. A mídia televisiva, dentre as demais, segue sendo a mais relevante e a mais comum, conforme apontam os estudos de Betti (2003), Melo (1999) e Toledo (1999), pois a televisão possui características que lhe são intrínsecas, como o alcance social e geográfico; qualidade de organização, ritmo e aparência, e apelo multissensorial (combinando visão e audição, mas também despertando o tato e o olfato pelos efeitos da imagem em movimento).

Cativa os indivíduos não letrados (das crianças em idade pré-escolar aos jovens e adultos que frequentaram escassamente ou foram excluídos da escola). Respondem também à sensibilidade dos jovens porque são dinâmicos e rápidos, tocam primeiro o sentimento, a afetividade e depois a razão. De maneira geral, os indivíduos podem dispensar o domínio do código alfabético para ter acesso às mensagens ali disseminadas (MELO, 1999; TOLEDO, 1999).

Umberto Eco (1970) apud Betti (1998) alega que a televisão é capaz de criar gostos e propensões, necessidades e tendências, esquemas de reação de modalidades de apreciação, que acabam por tornar-se determinantes para a cultura.

Betti (1998) complementa que a televisão afeta a totalidade de nossas vidas (pessoal, social e política), e é por isso que influencia o comportamento dos indivíduos, sem que estes se deem conta dos efeitos promovidos pelos meios. Acrescenta também que nós nos transformamos naquilo que contemplamos.

O autor apresenta ainda posicionamentos em relação à televisão, como um componente da 'cultura de massa' ou da 'indústria cultural', que contribui com uma função mais conservadora e alienante, que visa a dominação das massas, dirigindo e cercando a consciência das pessoas e para reprodução da cultura como mercadoria no processo capitalista.

...a televisão apresenta uma realidade já pronta, que não atinge a criatividade do receptor, acarretando a perda do direito de escolha e da livre concentração, e estabelece com o espectador uma relação guiada por interesses mercadológicos, e não estéticos, como no cinema ou teatro, nos quais o espectador ainda exerce alguma função crítica. A televisão impõe um novo imaginário. A comunicação produzida industrialmente busca a "domestificação das fantasias" das massas; em vez de atender a seus desejos e a suas vontades, fornece apenas indícios: "O perfume da flor e não a flor, a emoção do prazer e não o prazer, a sensação da paz e não a paz" (*ibidem*, p.28). A televisão busca fascinar os interesses das pessoas e, para isso, mexe com elementos do inconsciente psíquico, recalques, desejos, fantasias, sem, contudo, levar a experiências e vivências reais, mas, sim, indiretas: vive-se a emoção dos outros. Mediante a lógica da espetacularização dos acontecimentos, a televisão neutraliza a dramaticidade e a subversão das ações reais (BETTI, 1998, p.37).

Há também apontamentos no sentido de que a televisão detém potencial para propiciar uma ampliação do mundo para o espectador, que não seria tão passivo no processo, e que o problema não está no meio em si, mas na estrutura industrial que o rege:

...as conclusões que atribuem à televisão um papel alienante não são apenas provisórias, mas precárias, porque desconsideram a permanência do potencial revelador do signo imagético. Embora a televisão reduza a imagem a índices, o telespectador veria ampliado seu universo de ícones, os quais, por serem signos que não requerem compreensão prévia, são capazes de propor o novo, mobilizar a consciência icônica em direção à consciência *simbólica*, mais elaborada que investiga e busca sentido. Desconhecem ainda que a televisão amplia o universo do telespectador para além dos limites socioculturais imediatos, desconsideram sua capacidade de significar a realidade imediata, pensar sobre ela e compará-la àquela apresentada pela televisão, e a possibilidade de exploração do potencial revelador da linguagem televisiva. Em suma: "É preciso aprender a ler o texto televisivo" (Penteado 1991 apud Betti 1998, p. 39).

Contudo, vale destacar que “o processo de uniformização e empobrecimento cultural não se deve à mídia em si, mas à atual estrutura industrial que determina seu uso” (BETTI, 1998 p. 40).

2.2.2 A Mídia e o Consumo

A mídia se faz presente a todo instante, e dessa forma nos influencia e instiga às práticas consumistas. Levando isso em conta, o trabalho de Casarim (2012), mostra as propagandas e comerciais de televisão que são construídas de maneira que ao assistirmos uma propaganda publicitária, temos a sensação de que algo nos falta para sermos completos como as pessoas apresentadas ali. Não nos sentimos satisfeitos com nossa realidade, sentimos a necessidade, o desejo de consumir determinado produto como preenchimento do que nos falta. Dessa forma, as propagandas são elaboradas e representam mais do que produtos, representam modos de ser, influenciando assim na identidade das pessoas.

A autora dá ênfase no uso da imagem da criança, que nessas propagandas e comerciais publicitários, está vinculado tanto ao oferecimento de produtos para adultos quanto ao oferecimento de produtos para as próprias crianças. A publicidade aproveita-se da imagem da infância para difundir seus ideais em propagandas voltadas para o público infantil ou para o público adulto. Assim, a infância é apresentada nas propagandas publicitárias como sinônimo de felicidade e inocência além de apontar aos telespectadores o que é necessário consumir, o que falta e o que ele deve ter posse.

Betti (1998) alega que a televisão consolidou essa posição da criança como consumidora, destruindo a autonomia de sua infância, tornando-a uma contínua receptora involuntária de modelos alheios a seu ambiente.

Para as crianças, com seus gostos estéticos ainda em formação, a consequência seria a ruptura com as tradições culturais infantis. Dentre as tradições erradicadas estariam: a tradição musical, pois as canções infantis são “recuperadas” pela televisão apenas como acompanhante do consumo; a tradição lúdica, com a substituição dos jogos infantis; e a tradição da linguagem, pois a televisão efetua uma seleção empobrecedora tendenciosa e uniformizadora da língua (p. 39).

Compreendemos que a mídia, atualmente alcança a vida de muitas pessoas, influenciando e mudando o modo de vida destas. E a mídia televisiva

se estabelece dessa forma como a mídia de maior abrangência geográfica, fazendo parte das famílias, possuindo como telespectadoras pessoas de todas as idades e níveis de escolaridade.

Assim, a mídia se estabelece como uma figura ditadora de comportamentos e pensamentos, capaz de criar um tipo de público para que ela mesma se encarregue de satisfazer, e assim dominá-los, de acordo com a ordem econômica vigente, como por exemplo, levar os indivíduos ao consumo exagerado, criando gostos e comportamentos.

2.2.3 A Mídia e sua Influência na Educação

Notamos que as tecnologias têm se proliferado, se fundindo e se tornando mais interativa. O conteúdo apresentado nessas tecnologias é cada vez mais vívido, realista e comercial na sua essência, ao mesmo tempo, o uso da mídia se dá a todo o momento pelas pessoas. Strasburger et. al (2011) adianta que os jovens de hoje passam um terço ou a metade das suas horas acordados com alguma forma de mídia. Pré-adolescentes e adolescentes frequentemente estão envolvidos em mais de uma atividade de mídia ao mesmo tempo, o que é chamado de multitarefas na mídia, sendo que boa parte do uso dessa mídia está se tornando privado, já que as crianças se retiram para seus quartos para assistir televisão, jogar videogames ou ouvir músicas.

Dessa forma, as corporações de mídia em busca de novos mercados, estão cada vez mais reconhecendo e se direcionando aos jovens com um grupo lucrativo de consumidores. Além disso, hoje, os jovens se defrontam com um ambiente de mídia que muda rapidamente. Nesse sentido, também atingiu as crianças, levando-as a se constituírem consumidoras assíduas.

Esse fenômeno pode acarretar consequências educacionais, como por exemplo, em muitos países, as crianças e adolescentes são telespectadores assíduos exatamente nas fases mais críticas da formação física e mental do ser humano (BETTI 2003).

Melo (1999) informa que no Brasil, as crianças consomem 4,12 horas diárias de televisão, os jovens 3,01 horas, e os adultos 3,27 horas. O hábito de ver televisão está diretamente associado ao tempo em que as pessoas permanecem em casa. Outra pesquisa mais recente (2005) mostra que na

Argentina, as crianças ficam entre cinco e oito horas por dia na frente da televisão ou na internet, em chats ou em jogos eletrônicos².

Desta forma, a mídia também se faz presente dentro do ambiente escolar, e segundo Betti (2003), as escolas públicas brasileiras recebem desde 1995, equipamentos de recepção e gravação de programas, canais educativos e da TV aberta, com o objetivo de incentivar os professores a utilizarem as mídias na educação básica. Tem-se investido nisso em função de estudos indicarem a necessidade de a escola levar em consideração as mídias, porque elas estão presentes na vida dos alunos.

Porém, tomada de cuidado crítico e contextualizado, pois não transmitem informações neutras, e sim, alimentam nosso imaginário e constroem uma interpretação do mundo, causando importante impacto na escola e, dentro dela, na Educação Física como componente curricular.

Porém, a televisão causa um incômodo a mais, porque rivaliza com a escola e a família como fonte de formação de valores e atitudes, gerando um problema educacional nos dias de hoje. Sendo que este problema agrava-se nos países em desenvolvimento, onde a maioria das crianças e jovens não tem acesso fácil a outros meios de comunicação e bens culturais, como cinema, livros, teatro, museus, internet, etc., aumentando a importância da televisão.

Melo (1999) apresenta que os meios de comunicação de massa, sob liderança da televisão, desempenham um papel decisivo na formação da população brasileira, pois eles atuam verdadeiramente como educadores coletivos. Também traz que o tempo dedicado ao consumo da mídia é superior aquele preenchido na escola, no conjunto da população em idade escolar.

Vale a pena refletir sobre a natureza da educação coletiva implícita nesse espaço chamado apropriadamente de “aula sem paredes”, pois se a qualidade do ensino formal proporcionado às novas gerações for deficiente, inevitavelmente a cultura de massa terá mais chances de exercer atração e influência sobre as crianças e os adolescentes.

Betti (1998) apresenta um estudo de Eurasquin et al. (1983), em que mostram não verem possibilidades educativas e formadoras na televisão atual.

² Disponível em: < <http://sfb.org.br/br/wp-content/uploads/2011/08/O-corpo-ajuda-o-aluno-a-aprender.pdf> > acessado em 26/11/2013

Nessa perspectiva Toledo (1999) traz que a imprensa, de forma geral, torna-se uma espécie de “escola”, muitas vezes alienadora e massificante, por isso a mídia tem sido tão duramente criticada pelo sistema educacional.

Libâneo (2006) apresenta que:

É frequente professores atribuírem dificuldades no seu trabalho a fatores como desatenção, desinteresse, irresponsabilidade e indisciplina dos alunos. Alguns deles estão convencidos de que as causas desses problemas estão localizadas na influência das mídias, especialmente da televisão. Com isso formam uma imagem negativa da televisão, que estaria provocando no aluno a falta de requisitos necessários à aprendizagem e aos estudos, além de prejudicar a formação moral, ao expor os jovens a cenas de violência, sexo explícito, ou induzir ao uso de drogas, ao consumismo. Por outro lado, é visível a familiaridade das crianças e dos jovens com as mídias, o que está a indicar um fenômeno social e cultural sem volta, integrando às práticas culturais do mundo contemporâneo. (LIBÂNEO, 2006 p. 25 e 26)

Se de um lado a imprensa erra ao assumir papéis que não seus, de outro acaba se aproximando muito mais dos alunos do que a própria escola. Daí a importância de os envolvidos com a educação, particularmente os professores, conhecerem melhor os meios de comunicação de massa para integrá-los ao processo educacional, explorando, assim, os potenciais da comunicação.

Pensando em todos esses fatos e relacionando-os às aulas de Educação Física, onde trabalhamos com a cultura corporal de movimento, entendida como:

a parcela da cultura geral que abrange algumas das formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício (em geral sistemático e intencionado) da motricidade humana – jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas, etc.” (BETTI, 2003, p. 91)

É possível perceber que as mídias exercem influência crescente e decisiva no âmbito da cultura corporal de movimento, informando e ditando formas, construindo novos significados e modalidades de entretenimento e consumo, em especial no caso do esporte, como afirma Betti (2003).

Esse mesmo autor em seu livro “Educação Física e Mídia- Novos Olhares e Outras Práticas” (2003) apresenta que devemos considerar as mídias como um fenômeno importante na cultura corporal de movimento

contemporânea, em especial a televisão, que transmitem mais informações sobre o assunto para grande número de pessoas.

A cultura corporal de movimento é apresentada para a sociedade no plano da prática ativa ou no plano do consumo de informações e imagens. Como por exemplo, o estudo de Zylberberg (2003 apud BETTI, 2003) que propõe refletir sobre a cultura corporal difundida pela mídia (jornais, revistas, videogames, rádio, televisão e internet) como produto de consumo.

Nesse sentido, pretendemos dar mais atenção para os jovens que estão mais vulneráveis às influências midiáticas, como apresenta Betti (2003):

...as formas e conteúdos das mensagens midiáticas às quais as crianças e jovens têm acesso não correspondem a objetivos educativos e pedagógicos, mas à lógica da economia mundial. De modo geral, nossas crianças e adolescentes não estão preparados para resistir aos apelos persuasivos da televisão, e tendem a tornar-se consumidores passivos, sem meios de exercer um olhar analítico e de efetuar uma leitura crítica das suas mensagens; mais ainda teme-se pelos efeitos negativos que a televisão possa causar sobre seu desenvolvimento intelectual e socioafetivo e sobre seus comportamentos (p. 94).

A mídia possui além do poder de indução para as práticas consumistas e manutenção da ordem vigente, tem a característica de se estabelecer como uma fonte educativa, formadora, e que transmite valores. Ela acaba por ocupar ou concorrer esse espaço educativo com a escola e com a família.

No que se refere à escola, as mídias encontram-se inseridas nesse espaço, ora para acompanhar as demandas da sociedade e mudanças tecnológicas, ora para ajudar na prática dos professores, além de atender assim as necessidades dos alunos que estão em interação contínua com elas.

Porém, cabe à escola, e todo o seu corpo, se estruturar para que não seja mais um mero instrumento de reprodução dos problemas sociais, e que se vista da produção de conhecimento e crítica, para que compreenda todas as facetas que envolvem o meio midiático e suas ferramentas. É nesse ambiente escolar que devem emergir discussões e assim, se apropriarem de novas experiências que não sejam apenas aquelas vinculadas à televisão, para que dessa maneira possam saber questionar e desenvolver um olhar crítico, para que quando estiverem em frente à TV, na posição de telespectadores não sejam pessoas puramente pacíficas.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Para o presente trabalho optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa que, de acordo com André (1995), tem seu surgimento histórico datado no final do século XIX, a partir das indagações de cientistas sociais sobre o método de investigação das ciências físicas e naturais, fundamentadas na perspectiva positivista.

Um dos primeiros a fazer esse questionamento foi Dilthey, buscando assim, uma metodologia diferente para as ciências sociais, considerando que os fenômenos humanos e sociais são muito complexos e dinâmicos, tornando-se quase impossível o estabelecimento de leis gerais como na física ou na biologia. Weber também contribuiu para esta perspectiva qualitativa de pesquisa quando destacou que o foco dessa investigação era centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, e, concordando com Dilthey, para compreender esses significados seria necessário colocá-los dentro de um contexto.

Assim André (1995) aponta que outros estudiosos incorporaram essas ideias defendendo uma perspectiva de conhecimento denominada como idealista-subjetivista, que traz a defesa de uma nova visão de conhecimento e também a crítica à concepção positivista de ciência. Essa corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo.

É com base nesses princípios que surge a abordagem qualitativa, que aponta para uma visão holística dos fenômenos, e leva em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. É uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes teóricas na fenomenologia (ANDRÉ, 1995).

Na perspectiva de Goldenberg (2004), a pesquisa qualitativa se caracteriza por se aprofundar na compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, etc. Este estudo permite que o pesquisador, através de seus dados possa obter descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos e os quais não são padronizáveis, como ocorre nos dados quantitativos, obrigando o

pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los.

3.1 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA COLETA DE DADOS:

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas como técnicas para a coleta de dados o questionário e a entrevista.

O questionário utilizado segue a proposta de Gil (1999), que consiste em uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, com o objetivo de conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Essa técnica apresenta muitas vantagens, como a possibilidade de atingir um grande número de pessoas, mesmo aquelas que se encontram geograficamente em áreas mais longínquas, porque o questionário pode ser enviado pelos correios ou internet; permite que os participantes respondam no momento que julgarem mais adequado; e não os expõe à influência de valores e crenças do pesquisador.

As questões que normalmente compõem o questionário são classificadas em fechadas, abertas e dependes. As questões fechadas se caracterizam por um “conjunto de alternativas de resposta para que seja escolhida a que melhor representa sua situação” (GIL, 1999, p. 129, 130), porém, nesse caso, poderia ser mais de uma alternativa escolhida. Na aberta “apresenta-se a pergunta e deixa-se um espaço em branco para que a pessoa escreva sem qualquer restrição” (GIL, 1999, p. 131). E “quando uma questão depende da resposta dada a uma outra” questão, é chamado de questões dependentes (GIL, 1999, p.131).

O questionário utilizado (apêndice 1) para presente pesquisa foi dividido em duas partes (A e B). A parte “A” compreende perguntas que referem à identificação dos participantes, como nome, sexo, data de nascimento, com quem mora e local onde estudou o ensino infantil e fundamental I. A parte “B” apresenta perguntas referentes ao perfil dos participantes, como se pratica alguma atividade física ou esporte, se possui aparelhos midiáticos (televisão,

celular, internet, etc.) e local para estudo em casa, quanto tempo utilizam por dia e qual a importância desses objetos em suas vidas; e se os estudantes se identificam com algum(a) famoso(a). Também foi questionado sobre ser aluno, qual o significado disso, como se tornou aluno, qual a influência que os colegas, internet e televisão tem no seu perfil de aluno e quais são os outros meios que acreditam receber influência. Esse questionário foi aplicado na escola onde a pesquisadora realizou estágio supervisionado.

A entrevista utilizada (apêndice 2) foi semi-estruturada, de acordo com a proposta de Cannel e Kahn (1974 apud ALVES e SILVA 1992), com uma composição de roteiro com tópicos gerais selecionados e elaborados de forma a serem abordados com todos os entrevistados. As questões são flexíveis com adequação ao universo de vida dos sujeitos.

...o entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos. (ALVES e SILVA, 1992, p. 63).

Gil (1999) assinala que a entrevista consiste na técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe faz perguntas com o objetivo de obter dados que interessam à sua pesquisa.

Tem como vantagens a possibilidade de obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano e a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social. Se comparado com o questionário, tem como vantagem não exigir que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever; tem maior flexibilidade, já que o entrevistador pode explicar e esclarecer o significado das perguntas, além de poder captar a expressão corporal dos entrevistados e a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (GIL, 1999).

Sendo assim, no presente estudo considerou-se a entrevista semi-estruturada contemplando um roteiro de questões elaboradas previamente e orientadas pelo objeto de estudo, mas com a flexibilidade para se acrescentar outras questões.

Primeiramente foi entregue o questionário contendo seis questões abertas e sete fechadas para quinze estudantes. A entrevista foi realizada com seis alunos durante as aulas de Educação Física.

No entanto, é importante ressaltar que inicialmente foram enviados 45 termos de consentimento livre e esclarecido aprovados pelo Comitê de Ética (apêndice 3) aos pais e responsáveis através dos próprios alunos. Porém, apenas quatorze³ retornaram assinados, pois alguns alunos relataram que perderam e outros que os pais não concordaram com a pesquisa. Entretanto, consideramos 15 um número consideravelmente positivo.

3.2 PARTICIPANTES E O CONTEXTO DO ESTUDO:

Este estudo teve como espaço uma Escola Estadual da cidade de Rio Claro, que atende estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) de fácil acesso e está localizada em zona urbana, próxima à rodoviária da cidade. Conta com uma população de classe média baixa que tem como fonte de renda o trabalho em comércio e indústria.

Como participantes, foram selecionados quinze alunos com a faixa etária entre 12 e 14 anos, sendo oito do sexo feminino e sete do sexo masculino, escolhidos aleatoriamente, totalizando quinze sujeitos.

De todos os participantes, onze moram com seus pais, e de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, os alunos são provenientes da classe média baixa. Todos os alunos que participaram dessa pesquisa fizeram o ensino fundamental I em escolas públicas da cidade.

No que se refere à prática de atividades físicas, sete alunos não realizam nenhum tipo de exercício ou atividade física regular, e o restante, oito alunos, praticam exercícios físicos, sendo o futebol o mais mencionado.

Mesmo esses alunos encaixando-se na classe média baixa, todos possuem televisão em casa e mais da metade com TV a cabo (neste caso 9 alunos), e a grande maioria com acesso à internet em casa (11 alunos).

³ No total são 15 alunos, porém 2 são irmãos e a mãe fez apenas uma autorização que contemplasse ambos os filhos.

Quadro1: Relação dos alunos participantes da pesquisa

Identificação do Aluno	Participação no Questionário	Identificação	Participação na Entrevista	Identificação
A1	X	QA1	X	EA1
A2	X	QA2	X	EA2
A3	X	QA3	X	EA3
A4	X	QA4	X	EA4
A5	X	QA5	X	EA5
A6	X	QA6	X	EA6
A7	X	QA7		
A8	X	QA8		
A9	X	QA9		
A10	X	QA10		
A11	X	QA11		
A12	X	QA12		
A13	X	QA13		
A14	X	QA14		
A15	X	QA15		

Fonte: Própria pesquisadora

3.3 ANÁLISE DOS DADOS:

Os dados obtidos foram contemplados a partir da análise de conteúdo, que consiste numa técnica que permite fazer inferências válidas para um determinado contexto através da investigação do conteúdo simbólico das mensagens. Essas mensagens, e conseqüentemente, sua investigação, podem ser abordadas de diferentes formas e vistas sob diversos ângulos (LUDKE & ANDRÉ, 1986 apud ALVES E SILVA).

Dessa forma, os dados obtidos no trabalho de campo contemplando o questionário e as entrevistas foram organizados, surgindo os seguintes eixos temáticos: (1) Interações com a Mídia, (2) A Mídia na Dimensão Pessoal, (3) A Mídia na Vida do Aluno e (4) Retratos da Identidade de Aluno.

CAPÍTULO 4 - A MÍDIA NA VIDA DO ALUNO E NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE DE ALUNO

Este capítulo refere-se à apresentação dos resultados organizados em quatro eixos temáticos, conforme seguem abaixo, juntamente com a discussão de literatura.

Ao final de cada eixo, elencamos os pontos principais que foram mais comentados pelos alunos e que julgamos ser mais o importante para assim discutirmos com a literatura, além de buscar para fazer relações com assuntos atuais, como por exemplo, o consumo.

4.1 INTERAÇÕES COM A MÍDIA

Um dos objetivos desse trabalho é compreender como os adolescentes constroem a sua identidade de aluno a partir da influência da mídia no ambiente escolar. Logo, precisamos trazer quais são as mídias com que os alunos estabelecem interações cotidianamente.

Através dos questionários e das entrevistas, ficou evidente que a televisão é a mídia de maior abrangência, pois está presente na casa de todos os alunos, além de todos se posicionarem como telespectadores em determinado momento do seu dia.

Ao serem questionados sobre o que costumam fazer quando não estão na escola deram como resposta a dedicação a alguma mídia, sendo que três alunos enfatizaram a televisão: *“Ah, fico mexendo no computador, mexendo no celular, vendo TV, mas é mais vendo TV mesmo”* (EA4); *“Eu fico em casa assistindo televisão”* (EA6); *“Fico sentado vendo televisão”* (EA3).

Outro meio de comunicação muito utilizado pelos participantes é a internet, tendo como equipamentos o computador e o celular.

Assim, os alunos destacaram o uso de computadores para jogos e internet, bem como o uso de celulares: *“Eu escuto música pelo celular, vou mexer na internet”* (EA1); *“Jogo videogame, uso o computador, fora as coisas normais né, que tem que comer, tomar banho, essas coisas.”* (EA2).

É possível perceber que a mídia está no cotidiano de nossos participantes, assim como recursos que permitem com que busquem o que desejam, como é o caso da internet e celular.

4.1.1 O uso da Televisão e sua Finalidade:

Os alunos diariamente assistem televisão e dessa forma recebem todo o conteúdo ali divulgado, podendo ser adequado e indicado para a sua faixa-etária como também não ser. Sabemos que muitos programas trazem conteúdos pornográficos, violências, drogas, consumo de bebidas alcoólicas, entre outros, que exigem dos indivíduos mais atenção e análise para que não sejam induzidos à praticarem o que é veiculado. Betti (1998) aponta que os indivíduos se transformam naquilo que contemplam, o que nós relacionamos com os modos de ser dos indivíduos, suas identidades. Nessa perspectiva, para poder compreender quem são esses alunos, precisamos conhecer o que eles assistem e apreciam do meio televisivo.

Dos alunos participantes, quatro assistem programas de conteúdo adulto e que geralmente são transmitidos por canais abertos: “*Eu assisto novela, Cidade Alerta*” (EA1); “*Pânico na BAND, Jornal Nacional, Domingão do Faustão, gosto mais dos programas de domingo*” (EA3), “*Eu gosto de assistir mais filmes, aquele Eu a Patroa e as Crianças*” (EA6).

Outros alunos assistem programas que se alternam ora entre o universo adulto, ora o universo infantil: “... *Eu não estou assistindo muita novela, estou assistindo mais tipo programa de Encontro com Fátima Bernardes é... Bom Dia e CIA esses programas*” (EA2).

Também temos os programas transmitidos por canais pagos, como por exemplo, um aluno que aprecia seriados adolescentes que envolvem dança e música, além dos filmes: “*Violetta que passa na Disney, Em Ritmo, Boa Sorte Charlie, filmes que passam assim, etc. Eu gosto de tudo*” (EA4); e um outro aluno que gosta de programas que possuem animais: “*Disque Resgate e Taxidermistas*” (EA5).

Neste cenário foi possível perceber que nossos participantes tem contato com diversos tipos de programas televisivos, perpassando conteúdos

geralmente voltados para o público adulto. Assim, nos questionamos: o que destes conteúdos eles trazem para a escola? Como socializam o que vivenciam em casa? Como recebem o que é passado pelos programas de TV? Incorporam alguns gestos? No decorrer da apresentação de nossos resultados algumas destas questões serão abordadas.

4.1.2 O uso da Internet e as Redes Sociais:

A internet é um meio de comunicação que está cada vez mais acessível na sociedade, permitindo que jovens de diferentes classes sociais estejam em contato com este tipo de ferramenta.

Na internet os jovens acessam geralmente as redes sociais, que hoje em dia servem como ferramentas para diversos fins. Porém, não existe um controle para as pessoas usarem, qualquer pessoa, seja alfabetizada ou não, maior de 18 anos ou não, consegue ter acesso às informações ali disponíveis e se conectar.

Dos nossos quinze participantes onze alunos possuem internet em casa e quando questionados sobre a importância que essa mídia tem em suas vidas quatro alunos (QA3, QA4, QA5, QA14) assinalaram que é “muito importante e não vivem sem” e nove alunos assinalaram que “tanto faz, podem fazer outras coisas ao invés de usá-las”.

Mas com qual finalidade esses alunos usam tanto a internet? Através dos dados obtidos foi possível verificar que a internet é usada prioritariamente para acessar as redes sociais, procurar notícias sobre pessoas famosas, acessar e-mail e para auxiliar nos estudos⁴.

No caso da presente investigação, a rede social que possui o maior número de membros é o *facebook*, totalizando 12 alunos que registraram ter conta. Além de ser uma rede onde ficam conectados diariamente, alguns afirmaram que navegam por muito tempo, como podemos observar no relato do aluno (EA2): “Ah, *facebook*. *Depende, umas 4, 5 horas. Também depende do dia, tipo no sábado umas 11 horas no máximo*”; e o aluno (EA3): “*Só do face [facebook]. Ah, umas 10 horas, durante o dia inteiro*”.

⁴ Esta questão será discutida no tópico 3.4.

Porém, existem os alunos que usam a internet apenas para e-mail e pesquisa: “*só gosto de e-mail. Uso uma hora mais ou menos*” (EA1); “*só uso para fazer pesquisa mesmo*” (EA6).

Outro uso frequente da internet está na busca por notícias sobre pessoas famosas. Dos entrevistados, cinco alunos (QA9, QA4, QA3, QA1 e QA6) afirmaram usá-la, porém alguns especificaram as páginas do Google e Youtube como ferramenta para fazer esse tipo de pesquisa. Outros dois alunos (QA6 e QA1)) também optam pelo uso de revistas para procurar notícias sobre seus famosos prediletos.

Desses resultados, elencamos como principais o uso da televisão e das redes sociais, porém nosso enfoque se recai sobre a televisão. Este meio possui características marcantes, tais como a possibilidade de narrar modos de existência através de sons e imagens, a participação significativa na vida das pessoas e na produção da identidade individual e cultural operando sobre a constituição de subjetividade de milhões de pessoas (FISCHER, 2013, p. 19).

Alguns de nossos participantes afirmam que assistem a televisão conscientemente e demonstram que querem ver o que tem porque gostam (exemplo EA3 e EA4). Outros já assistem por assistir, com essa simples finalidade, como o EA3 e EA6. Dessa forma, precisamos refletir sobre quais seriam as consequências dessas ações. Essas atitudes foram demonstradas no trabalho de Fischer (2013, p. 52-53):

Ver e olhar, de modo geral, ou especificamente estar diante da TV, olhar suas imagens pode significar uma série muito ampla de ações e objetivos: posso olhar para obter conhecimento, para ter notícia de alguma coisa, para observar como algo acontece, para produzir ou imitar um gesto ou simplesmente para me distrair com o que vejo.

Através da ação ‘olhar’ nos submetemos a vários eventos, tais como o aprendizado, a influência, a imitação de um gesto, etc., no entanto o telespectador está exposto a alguns riscos. Njaine (2006) no trabalho sobre violência e mídia, explica que a criança, ao assistir televisão sem a supervisão de um adulto que a ajude a discernir sobre os fatos que presencia nos meios de comunicação, poderá se apropriar das mensagens midiáticas de forma negativa.

Outro assunto bastante veiculado na mídia é o corpo e sua utilização. Nos programas televisivos são expostas aos telespectadores a intimidade das

pessoas, principalmente no que tange a exposição do corpo e da sexualidade. (FISCHER, 2013). Segundo Jean Baudrillard, os programas televisivos que “colocam na vitrine a vida privada e a intimidade sexual pode ser entendida como o desejo do espetáculo da banalidade” (JEAN BAUDRILLARD apud FISCHER, 2013, p. 37).

Devido ao grande poder que a televisão tem sobre a vida dos que estão dentro e fora dela, devemos dar uma atenção a mais para os alunos e crianças que assistem a programas de televisão que não são indicados para as suas idades.

Conforme vimos nas respostas, muitos alunos não respeitam a regra de classificação etária indicativa e assistem a novelas, programas humorísticos, sensacionalistas, etc., como por exemplo, o programa Pânico na BAND, que tem classificação indicativa para 14 anos⁵. Strasburger et al. (2011) informam que “As crianças com TV no quarto assistem mais programas que são inadequados para a sua idade” (WOODWARD E GRIDINA, 2000 apud STRASBURGER et. al, 2011, p. 351).

O problema abordado está no contexto desses programas que tem conteúdos e apelos visuais muito fortes, ou seja, “a mídia está tomada por conversas, comportamentos e insinuações sexuais e uma grande quantidade de informações imprecisas” (STRASBURGER et. al, 2011, p. 218).

Esta questão acarreta muitas consequências para a vida desses adolescentes, como por exemplo, a influência de valores e comportamentos, pois é nesta fase, como já citado anteriormente, que as crianças e adolescentes se constituem física e mentalmente (BETTI 2003).

Além disso, é importante destacar que a TV tem:

o poder de síntese - comunicar uma série de sentimentos, ideias, valores em apenas 30 segundos - e o poder de dirigir-se a cada um de nós em particular, com agilidade, bom humor e muitas vezes com cuidadoso senso estético, são qualidades que se prestam não somente a vender objetos e instituições, mas sobretudo modos de ser e existir neste nosso tempo (FISCHER, 2013 p. 87)

Soares (1996) destaca que a televisão também é capaz de criar um sujeito audiovisual, que é aquele que tem uma compreensão global e aprende que o mundo é dado aos sentidos, em sua complexidade e ambiguidade. E por

⁵ Disponível em < <http://www.band.uol.com.br/tv/noticias.asp?id=100000524798> > acessado em 13/11/2013

isso o homem audiovisual não faz um verdadeiro ato de reflexão sobre a vida, e alerta que se o indivíduo não ultrapassar esse estágio, não conseguirá adotar atitude crítica posteriormente.

Portanto, concordamos com Fischer (2013) e concluímos que quando o estudo da televisão se tornar uma prática frequente no espaço escolar será possível então que professores e alunos percebam a relevância de certos temas na sociedade, na medida em que se tornam públicos e debatidos.

Quanto à internet, alguns estudiosos a consideram como a mais interativa de todas as mídias atuais conforme traz Strasburger et al (2011).

A internet hoje comporta programas de TV, filmes, videogames e, essencialmente, todas as mídias que as crianças e adolescentes podem acessar (...) a mídia desempenha um papel poderoso na socialização de crianças e adolescentes. (STRASBURGER et al. 2011 p. 323)

E com todo esse poder, ela carrega também alguns aspectos que merecem atenção e cuidado por parte dos adultos e professores, como a dificuldade de regulação dos conteúdos que veicula para as crianças e adolescentes, que não acontecem da mesma forma que as mídias tradicionais, por exemplo, a TV que se bloqueia o canal; e pelo fato de retirar o conteúdo de dentro do contexto:

Além do mais, ela tem a “capacidade” de ter formas mais extremas de conteúdo que podem, intencionalmente ou não, ser acessadas por crianças e adolescentes (STRASBURGER et al. 2011 p. 321).

Com a mesma perspectiva que olhamos para a mídia televisiva, também olhamos para a internet. Não podemos negar as suas possibilidades educacionais, além de todo o serviço que ela nos disponibiliza, tais como a pesquisa de ampla abrangência, informações, conhecimento, viagens, culturas, lazer, entretenimento, etc. Porém, para que o aluno faça bom uso dela é necessário instruções e supervisão de adultos capazes.

4.2 A MÍDIA NA DIMENSÃO PESSOAL

Conforme já explicitado nesse trabalho, a mídia atua em nossas vidas de diversas maneiras, dentre elas influenciando no âmbito pessoal, gerando gostos e propensões, ao transmitirem conteúdos que visam o consumo, estilos

de vida e modos de comportamento, conforme nos apresenta Russo (2005, p. 81) “a indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens padronizando corpos”, e por isso podemos associar hoje a imagem do corpo à ideia de consumo.

Tomamos como exemplo as figuras de pessoas públicas, que além de transmitirem comportamentos e valores, servem de modelos para serem copiadas, trazendo em seu bojo uma mescla de sentimentos, como admiração, exemplo de vida, superação, talento, beleza, juventude, etc.

Neste cenário, os alunos, agora como pessoas e telespectadoras, também contemplam essas figuras sob seus olhares subjetivos. Sete participantes afirmaram que se identificam com alguma celebridade, de diferentes categorias: jogadores de futebol, cantoras, cantores, atores, atrizes.

Essa identificação que os alunos têm com esses famosos vem de: reconhecerem neles características suas; pela história de vida, ou também, pelo simples fato de se simpatizarem com a figura, terem admiração. No relato da EA4 podemos observar o aspecto relacionado às características pessoais, quando a estudante diz que se identifica com a:

Bella Thorne⁶. Assim, porque eu acho que ela combina comigo, porque ela é meio bobinha e eu também sou, ela ri por qualquer coisa e eu também rio, todo mundo fala que eu sou divertida, ela é divertida, o jeito que ela se veste, o jeito que ela dança... (EA4);

Nesse caso, entendemos que essa aluna se reconhece nessa celebridade, e que a construção de sua identidade se respalda nas características dessa atriz, conforme nos mostra Elkind (1993) “Os adolescentes costumam se ver egocentricamente como atores na sua própria “fábula pessoal”...exatamente como na televisão” (apud STRARBURGER et. al, 2011 p. 219).

Outra estudante se reconhece na história de vida de cantores, relatando ser próxima a sua trajetória:

Sim, eu acho que com o Gustavo Lima⁷ e o Cristiano Araújo⁸. Pela história de vida deles que eu acho bonito. O Gustavo Lima é que ele cantava só em barzinho e agora ele se tornou uma pessoa famosa, já o Cristiano Araújo, ele também, e tinha uma infância sofrida, então, ele ficou tocando em bar e restaurante, daí eu acho bonito. (EA6);

⁶ Bella Thorne é modelo, atriz, dançarina e cantora. Participou de séries como Os Feiticeiros de Waverly Place e na Disney Channel "Shake it Up".

⁷ Cantor, compositor e instrumentista brasileiro de música sertaneja.

⁸ Cantor e compositor brasileiro de música sertaneja.

Sobre o aspecto da admiração ou simpatia, dois estudantes relatam que gostam de dois artistas. O motivo é só pelo afeto: “Zakk⁹. Não sei por que. É porque gosto dele, risos” (EA5). E outra estudante que relata gostar de uma cantora pelas suas atitudes “A MC Paulinha¹⁰. Por causa que ela através da música expressa o que sente. Por isso eu gosto dela” (EA1) e complementa no questionário: “MC Paulinha, porque ela não admite que ninguém fala mal dela” (QA1).

Ainda sobre a admiração, nos questionários foi possível encontrar uma identificação com jogadores de futebol, por gostar de jogar bola: “Neymar¹¹. Gosto muito de jogar bola” (QA9); “Messi¹², porque ele joga bola” (QA13). Pelo jogador atuar em seu time “Montillo¹³, Santos. Porque é jogador do Santos” (QA14); ou ainda por ser uma inspiração: “Cristiano Ronaldo¹⁴. Ele é minha inspiração” (QA15).

No que tange a essa identificação dos adolescentes com famosos e celebridades, Strasburger et. al (2011) apresenta que:

É de conhecimento geral que os adolescentes às vezes procuram se parecer com atores e atrizes enquanto experimentam facetas diferentes da sua nova identidade em formação e experimentam diferentes “máscaras” sociais (p. 219).

Os alunos buscam afirmar suas identidades se afeiçoando com os famosos que estão expostos nos meios de comunicação, e assim como eles, se constituem como sinônimos de sucesso e superioridade, (jogadores de futebol de grandes clubes, cantores e atrizes bem sucedidos) muitas vezes aspirando ser assim também.

Além de se enxergarem como as celebridades ou se identificarem com a vida dessas, os alunos também veem e atribuem aos seus amigos essas semelhanças, ou seja: “Tentam imitar. A Katy Perry¹⁵ e tem uns que tentam imitar o Daleste, o MC Daleste¹⁶. Pelo jeito deles falarem assim, que eles são

⁹ Músico e ator americano, foi guitarrista da banda Ozzy Osbourne

¹⁰ Cantora brasileira de Funk

¹¹ Jogador de futebol brasileiro. Atualmente joga pelo Barcelona

¹² Jogador de futebol argentino. Atualmente joga pelo Barcelona

¹³ Jogador de futebol argentino. Atualmente joga pelo Santos

¹⁴ Jogador de futebol português. Atualmente joga pelo Real Madrid

¹⁵ Cantora e compositora americana de música pop e dance

¹⁶ Cantor e compositor de funk. Foi assassinado neste ano

muito fã deles.” (EA1) (grifos nossos); “aquele que tá ali jogando chama V.¹⁷ parece o Rogério Ceni¹⁸” (EA2).

Sim. A G. se parece com a Rocky que é a melhor amiga da CeCe que é a Bela Thorne. A V. parece a Tinka, meu outro amigo l. parece com o Hunter, e é como se fosse assim, uma família pra mim. Ah, por causa do estilo assim, estilo de música, estilo de se vestir, estilo de andar e estilo de gostar das coisas.¹⁹ (EA4), (grifos nossos).

As características relacionadas aos famosos que conferem aos seus amigos são as comportamentais, como o “jeito” e “estilo” de se vestir e de andar, chegando até às características pessoais/próprias como gostar das coisas.

Retomando a fala dessa última aluna, é possível observar, além da identificação pessoal e mudanças nos comportamentos, algo muito interessante e que nos chamou a atenção, que é criação de laços afetivos entre eles. Está presente em sua fala palavras como “amiga(o)” e “família”. Podemos pensar que essa amizade foi fruto dessas identificações que caracterizam esse grupo, pelo mesmo gosto e estilo que compartilham, o que é chamado por Perrenoud (1995) de grupos de pertença.

Porém, ressaltamos também que para o ambiente escolar e para o processo de ensino-aprendizagem, os laços afetivos que esses alunos criam tem sua importância conforme apresenta Mahoney et al. (2005), em seu estudo baseado em Henri Wallon. A autora informa que o conceito de afetividade refere-se “à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (p. 19); “Ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta” (p.20).

A afetividade é marcada por três diferentes momentos: a emoção, o sentimento e a paixão. No caso dessa pesquisa, considerando a resposta da aluna, daremos enfoque à emoção, que para as autoras:

É a exteriorização da afetividade, ou seja, é a sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece os primeiros laços com o mundo humano e através dele com o mundo físico;

¹⁷ Inicial do nome do garoto citado. Mantivemos o sigilo do nome deste bem como de todos os outros que aparecem durante o trabalho, deixando apenas a inicial.

¹⁸ Jogador de futebol. Atualmente é goleiro no time São Paulo

¹⁹ Os personagens citados fazem parte do mesmo seriado, já citado, da Disney Channel "Shake it Up"

A emoção é uma forma concreta de participação mútua, é uma forma primitiva de comunhão, que se apresenta nos ritos coletivos, que funde as relações interindividuais, que funde os indivíduos e as circunstâncias exteriores;
É também um instrumento de sociabilidade que une os indivíduos entre si (MAHONEY et al. 2005, p. 20).

Além disso, as autoras abordam a imitação, que nas fases iniciais de desenvolvimento da criança consiste em um instrumento poderoso de aprendizagem, onde os modelos são adultos, colegas, amigos, professores, etc. Na fase adulta, também existe o ato de imitar em situações novas, porém os modelos são professores antigos e colegas. Percebemos que esse processo está fortemente relacionado à construção de uma identidade, como elas mesmas afirmam: “O processo de imitação mantém uma relação dialética com o processo de oposição, iniciando-se com os jogos de alternância, avançando na fase do personalismo e continuando pela vida inteira” (p. 25).

Dessa forma, de acordo com o trabalho dessas autoras, os alunos dessa pesquisa podem estar classificados no 5º estágio (a partir dos 11 anos), da puberdade e adolescência:

vai aparecer a exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamentos, e para isso se submete e se apóia nos pares, contrapondo-se aos valores tal qual interpretados pelos adultos com quem convive. O domínio de categorias cognitivas de maior nível de abstração, nas quais a dimensão temporal toma relevo, possibilita a discriminação mais clara dos limites de sua autonomia e de sua dependência (MAHONEY et al. 2005, p. 23 e 24).

Ainda para complementar essa identificação pessoal, alguns alunos se inspiram na vestimenta das celebridades que admiram: “*Na Roberta²⁰ do Rebelde.*” (EA1); “*Muito. Na Bela Thorne, de No Ritmo.*” (EA4). Dessa forma, fica mais que evidente a atuação da mídia sobre os adolescentes, como já mencionamos ao longo desse trabalho, criando os gostos, moldando os comportamentos e aparências, refletindo na imagem corporal desses alunos.

Assim, constituem uma imagem de si através da imagem do outro: “A imagem é um fenômeno social... pois há um intercâmbio contínuo entre nossa própria imagem e a imagem corporal dos outros” (SCHILDER, 1999 apud BARROS, 2005, p. 550).

²⁰ Atriz e cantora de uma telenovela mexicana.

A imagem corporal é um conceito amplo que envolve vários aspectos, como os processos fisiológicos, psicológicos e sociais, numa troca contínua entre eles (BARROS, 2005), ou seja,

a imagem corporal não é só uma construção cognitiva, mas também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interações com os outros... A imagem do corpo não possui apenas fatores patológicos: os eventos diários também contribuem para a sua construção (SCHILDER, 1999 apud BARROS, 2005, p.548).

Porém, o conceito de imagem corporal vai além destas questões, podendo relacionar-se aos sentimentos, a sociedade e ao comportamento:

- A imagem corporal refere-se às percepções, aos pensamentos e aos sentimentos sobre o corpo e suas experiências. Ela é uma experiência subjetiva;
- Imagens corporais são determinadas socialmente. Essas influências sociais prolongam-se por toda a vida;
- As imagens corporais influenciam o comportamento, particularmente as relações interpessoais. (CASH E PRUZINSKY, 1990, APUD BARROS, 2005 p. 551-552).

A imagem corporal pode ser definida, nesse sentido “a partir das interferências sociais que sofremos e dos hábitos que criamos, moldando nosso aspecto de existir como seres corporais” (BARROS, 2005 p.552).

Russo (2005) entende imagem corporal como a forma que o indivíduo se percebe e se sente em relação ao seu próprio corpo. Essa imagem está relacionada às:

imagens corporais que circulam na comunidade e se constroem a partir de diversos relacionamentos que ali se estabelecem. Isso significa que “em qualquer grupo sempre existe uma imagem social do corpo que é, portanto um símbolo que provoca sentimentos de identificação ou rejeição, dos sujeitos em relação a determinadas imagens. Como uma criação sociocultural, no corpo se inscreve idéias, crenças, as imagens que se fazem dele. Se a imagem dominante, valorizada socialmente for de uma pessoa magra, emagrecer será o ideal de todos. Aqueles que não conseguem chegar a este padrão desejado sofrem muito.” (RUSSO, 2005 p. 83).

A autora ainda traz Becker quando apresenta que “as pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente, assim sua autoimagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante a vida inteira” (BECKER, 1999 apud RUSSO, 2005, p. 81). E assim, o que é necessidade de ordem social encobre e sobrepõem as verdadeiras necessidades individuais. Para finalizar, Russo ainda cita Tavares (2003) que afirma “Somos pressionados em numerosas circunstâncias a concretizar, em

nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura” (TAVARES, 2003 apud RUSSO, 2005 p. 81).

Ainda discutindo essa identidade copiada, outra instituição que exerce influência nos nossos participantes é a família, que também atua na vida de um adolescente, como é o caso do relato do aluno EA2 em entrevista: *“Ah eu acho que eu copio meu pai às vezes”* (EA2).

Porém, percebemos que em nossa sociedade existe um conflito estabelecido entre a mídia televisiva e a família, no que se refere à educação dos filhos, e funda-se aí uma competição entre a TV, a família e a escola

...os meios de comunicação reconhecem explicitamente a escola e a família como os lugares tradicionais de educação dos mais jovens. No entanto, nos últimos anos pode-se dizer que deseja oferecer que a TV brasileira tem se apresentado como uma instância da cultura que deseja oferecer mais do que informação, lazer e entretenimento (FISCHER, 2010, p. 21).

Estou aqui ressaltando também, e principalmente, as mínimas estratégias da televisão afirmar-se como um lugar especial de educar, de fazer justiça, de promover a “verdadeira” investigação dos fatos (...) e ainda de concretamente “ensinar como fazer” determinadas tarefas cotidianas, determinadas operações com o próprio corpo, determinadas mudanças no cotidiano familiar e assim por diante (FISCHER, 2000, p. 111-139 apud FISCHER, 2013, p. 21).

Além da imitação da vestimenta, observamos também a apropriação de uma linguagem comum entre os participantes, denominado de *gíria*. Os alunos usam as gírias em suas comunicações diárias, e aprenderam através da observação das pessoas e através dos amigos.

Assinalaram utilizar este artefato porque todo mundo usa e está na moda: *“Porque quando você vive num convívio onde essas pessoas falam assim, você acaba aprendendo a falar desse jeito”* (EA2); *“Todo mundo usa, eu acho que está na moda.”* (EA1); *“é da hora, risos. Foi de ver os outros falarem.”* (EA5).

A apropriação pelo grupo dessa linguagem comum também se relaciona às características da construção de uma identidade, como a busca de afirmação, sentimento de pertença a determinado grupo, etc., como nos mostra Tonus e Casagrande (2007): *“Conhecer a linguagem diferenciada é uma condição de auto-afirmação e de fazer parte do grupo”* (p.1), sendo usado para distinguir a identidade ou ainda auto-afirmar-se perante um grupo restrito (GOH, 2004 apud SILVA, REIS E SILVA, 2009) .

Notamos que esse fenômeno acontece também na música. Para o grupo de alunos entrevistado, o estilo musical *Funk* é o ritmo que mais predomina, seguido de sertanejo, pagode e rock. , Assim como a gíria, a música também acabou identificando e distinguindo aquele grupo. “*Funk*” (EA1); “*Ah eu gosto de todas mais ou menos. Ah mais uma preferida, pode ser título? Sertanejo e funk*” (EA2); “*Eu gosto mais de funk*” (EA3); e “*Um pouco de rock, um pouco de pagode, um pouco de funk*” (EA4).

Notamos que o Funk enquanto estilo musical ganhou muito espaço nos últimos anos além de muitos adeptos. É um ritmo que se divide em subgêneros, que vai desde o romântico até o erótico. Está fortemente presente no ambiente escolar, principalmente nos momentos livres e de lazer dos alunos, o que não pode ser desconsiderado pelos educadores quando se pensa em trazer a realidade dos estudantes para dentro da escola.

A partir das características levantadas anteriormente, é possível compreender que estas cooperam para a construção de uma identidade que segundo Dubar (1995) é classificada como uma identidade biográfica (dimensão interna relacionada ao próprio indivíduo), ao mesmo tempo em que uma identidade relacional (dimensão externa estabelecida entre o indivíduo e as instituições que ele interage). Além dos grupos de pertença e identidade coletiva, como mostra Perrenoud (1995), já apontado no início deste trabalho.

4.3 A MÍDIA NA VIDA DO ALUNO

No presente eixo abordamos a questão da mídia e de que forma ela é manipulada pelo aluno na escola, ou seja, se o estudante se utiliza dos recursos midiáticos para sua aprendizagem e como é seu contato nesta relação.

Esta compreensão está diretamente relacionada a um dos objetivos de nossa investigação que circunscreve-se em identificar quais são os fatores midiáticos que influenciam na constituição da identidade de aluno e assim buscamos conhecer o que eles enquanto alunos pensam sobre o uso das mídias.

Tanto nas entrevistas com os participantes como nos questionários, observamos que os alunos utilizam as mídias (celular, internet e televisão), atribuindo-lhes dois sentidos na sua vida de aluno: um é conferido o sentido

positivo e em outro o sentido negativo. Assim sendo, a seguir demonstramos como esta questão foi apontada.

4.3.1 Atribuição Positiva:

No momento de estudar, as mídias auxiliam? De que forma? Quais as possibilidades de sua utilização na e para a escola? Tais questões balizaram o presente tópico nos oferecendo reflexões acerca do que foi apontado pelos participantes.

Os alunos elencaram as contribuições e ajuda das mídias na hora de estudar, como por exemplo: para saber as coisas, pesquisar, fazer trabalhos, ver programas educativos: “*Tipo, para saber as coisas. Na internet e televisão você aprende mais.*” (EA1); “*Ajudam se precisar de alguma coisa, tipo alguma coisa de trabalho*” (EA3); “*E a TV tem programas educativos, documentários, essas coisas*” (EA4).

Além de reconhecerem que há conteúdos interessantes para trabalhos escolares, os alunos ressaltaram e reconheceram também que a internet e a televisão podem ensinar e auxiliam a serem bons alunos: “*As informações de lá me ensinam também*” (QA10); “*Ajuda a ser um bom aluno e estudar*” (QA7); “*Podem me ajudar a saber mais as coisas*” (QA1).

Outra questão relaciona-se aos trabalhos escolares e pesquisas solicitadas pelos professores: “*Para fazer pesquisa para trabalho*” (QA3); “*Me ajudando nos trabalhos e nas lições de casa*” (QA4). Além disso, a televisão é apontada como importante para estudar para o futuro: “*A importância de estudar, porque agora muitas pessoas estão matando e roubando, a TV ensina que é bom estudar pra ter futuro não igual essas pessoas*” (QA6).

Essas mídias realmente podem ser usadas para a aprendizagem, como os próprios alunos apresentaram, e é fato que veicula alguns programas educativos e que as aprendizagens que proporcionam podem ser para várias áreas do conhecimento. Existem estudos, por exemplo, que afirmam “que os programas de televisão têm o potencial de incentivar as crianças a entenderem e usarem palavras novas” (STRASBURGER et al., 2011, p. 125). Este mesmo

autor traz relatos de alguns programas que incentivaram o desenvolvimento de algumas habilidades e que foram positivos à aquisição da leitura (STRASBURGER et al., 2011, p. 126).

Fischer (2013) acredita que a televisão pode ser uma ferramenta para a aprendizagem dos alunos, podendo ser usada dentro da escola, porém com devido cuidado quanto à maneira de interpretá-la e leva-la aos alunos:

Acredito que mobilizar a televisão como recurso de aprendizagem faz sentido e pode tornar-se um elemento realmente significativo no contexto escolar, desde que fiquem bem compreendidos suas funções e seus limites pedagógicos.

No entanto, o autor destaca a importância de se preparar os professores para esta questão, além de inserir a televisão como objeto de estudos, ou seja, possibilitar um olhar crítico e reflexivo sobre seus conteúdos, por exemplo.

Televisão para ajudar a educar, sim, mas simultaneamente a uma educação para as mídias, em especial para a mídia televisual. Como formadora de comportamentos e opiniões, a TV exerce um poder sem precedentes (FISCHER, 2013, p. 102).

Dado que a televisão nos alcança em todo o tempo e em toda a parte, dado que nenhuma faixa etária, nenhum campo de atuação, nenhuma classe de renda fica imune a ela, dado que a maior parte da população brasileira não tem acesso regular a outras fontes de informação, além do rádio e da TV, não sei que outra realidade contemporânea mereceria, mais do que essa, um tratamento de prioridade educacional (FISCHER, 2013, p. 103).

A autora também ressalta que “é no âmbito da educação escolar que educar para a televisão é tarefa que precisa ser incorporada, por professores e por alunos” (p. 106). E dessa forma ressaltamos que essas mídias podem trazer contribuições aos estudos e aos processos de ensino-aprendizagem dos alunos, porém, para que isso realmente aconteça é necessário que professores e demais adultos colaborem nesse processo de educação para a TV, de maneira crítica e respaldada, (SINGER e SINGER, 1976 apud STRASBURGER et al., 2011).

4.3.2 Atribuição Negativa:

Apesar de todas as contribuições que a televisão e as mídias podem nos oferecer, elas também podem seguir um caminho negativo, dependendo de como são utilizadas ou abordadas.

Assim, os alunos apresentaram em que medida essas mídias atrapalham no seu desenvolvimento enquanto estudante.

Os aspectos destacados foram: o fato de não poder usar em aula, desconcentrar, preferir usá-las ao invés de estudar, e, por dar as respostas de maneira fácil, conforme trazem suas respostas: *“tem vez que na sala de aula você quer mexer no celular, quer mas não pode”* (EA1); *“Na verdade eles atrapalham. Tiram a minha atenção, às vezes quando chega mensagem assim eu não posso olhar porque tem lição pra fazer, você fica até emocionado porque recebeu uma mensagem”* (EA2); *“ao mesmo tempo que você tá fazendo trabalho, você quer vê um pouquinho do face [facebook] né. Ficar jogando né.”* (EA3); *“Atrapalham porque fico pensando em outras coisas”* (EA5); *“Atrapalham, porque eles assim... dão a resposta. E a gente que tem que aprender como se diz”* (EA6).

E para o questionário, as respostas também seguiram a mesma lógica no que se refere à influência dessas mídias em seu perfil de aluno: *“... Não são bons, porque não ensinam muita coisa”* (QA8).

Portanto, também podemos concluir que as mídias trazem esses aspectos negativos que desconcentram os alunos no que diz respeito aos estudos, pelo simples fato de se apresentarem de forma mais atrativa e dinâmica.

Este apontamento se opõe a ação de estudar, que consiste em ficar na posição sentado e na maior parte do tempo em silêncio, sem interações e grandes mobilidades. Porém, apesar de este fato ser bastante visível a todas as pessoas que frequentam o ambiente escolar, não foi possível encontrar muitos estudos e pesquisas que caminhassem nessa direção, mostrando o lado negativo do uso dessas mídias na vida dos alunos.

No entanto, podemos analisar sob a perspectiva da dinâmica de uma sala de aula juntamente com a dinâmica do movimento corporal. Sobre o assunto, encontramos em Momo e Costa (2010) um estudo sobre os modos de vida das crianças dentro da escola no século XXI. As autoras trazem que as crianças estão num contínuo estado de mudança que envolve movimentos, e assim apresenta um apontamento de Bauman (1999):

Mesmo quando estamos fisicamente parados, estamos em movimento, como ao ver televisão, quando saltamos para dentro e para fora de espaços até então desconhecidos com uma velocidade

superior à dos jatos supersônicos. Os corpos das crianças das escolas estão sempre em movimento, agitando-se e fazendo algum barulho. A sensação que se tem é a de que vivem o que Sarlo (2000) denomina “estado de televisão”, um estado que não suporta o silêncio e a imobilidade. A televisão compreende, cada vez mais, imagens em movimento, ritmo acelerado e ausência de silêncio (p. 972 e 973).

O “estado de televisão” que as crianças experimentam inclui, além da ausência de silêncio e da ininterrupta movimentação, falar constantemente de programas televisivos, cantar e dançar os últimos lançamentos de músicas e atuar com brinquedos amplamente divulgados pela mídia.(p. 973)

Também percebemos que além de a mídia atrapalhar no cotidiano escolar, ela também atrapalha quando estão em casa, conforme as falas: “... *Me prendem a ele*” (QA2); e “*Ajudam a fazer trabalhos e pesquisas, mas às vezes roubam nosso tempo para o estudo em casa*” (QA9).

Nesta perspectiva, as mídias acabam influenciando os alunos conforme mostra Soares (1996), quando aponta baseado em Babin (1988) que os jovens atuais respiram outra cultura e tem a capacidade de concentração baixa, sendo as possíveis razões para isso:

- a) As novas gerações estariam dormindo pouco, sendo muito solicitadas pela engrenagem moderna;
- b) sua capacidade de percepção estaria “fragmentada” sob o efeito dos meios audiovisuais, principalmente da TV;
- c) os jovens receberiam informações em demasia, de forma superficial e não conseguiriam articulá-las e integrá-las às suas histórias de vida (OLIVEIRA SOARES, 1996 p. 38).

De acordo com todo o exposto, é possível apontar que a presença massiva das mídias na vida dos alunos geram implicações que podem interferir no rendimento escolar, pois preferem interagir com as mídias ou se sentem dominados por elas, e assim não conseguem desempenhar seu papel de aluno com êxito. Porém, este é um campo que necessita de mais estudos e aprofundamentos, para maiores conclusões.

4.4 RETRATOS DA IDENTIDADE DE ALUNO

Para finalizar, de acordo com o que esse trabalho se propôs a fazer em um de seus objetivos, o presente tópico apresenta quais são os aspectos que compõe a identidade de aluno. Afinal, o que é ser aluno? Qual é a

compreensão de aluno que os participantes possuem? Eles se veem como alunos?

Para Perrenoud (1995, p. 202) “o aluno é uma pessoa que pratica o seu ofício à sua maneira. Em compensação qualquer ofício modela, por sua vez aquele que o exerce”.

Portanto, o aluno que estamos tratando aqui é o “aluno modelo”, ou seja, aquele que cumpre com as tarefas propostas pelo professor, que é comportado, aplicado, tira notas boas, etc.

Este também é o estereótipo de aluno apontado pelos nossos participantes, inserindo ainda outros, retratos da identidade de aluno, os quais apresentamos a seguir:

- **Aluno é um ser que aprende:**

“Ser aluno é ser um aprendiz não só no estudo, mas sim em tudo” (QA11).

- **Aluno é um ser que estuda e tira boas notas:**

“É estudar pra ser “nerd”. E ser inteligente e tirar boas notas” (EA3);

“Ah tipo, é dar exemplo pros outros, ser aluno é você ter que estudar, ter que cumprir com as suas atividades, isso...” (EA1);

“Ser estudioso” (QA13)

“Estudar e levar a escola a sério” (QA7);

- **Aluno é um ser que não bagunça:**

“Ser ativo na aula, não ter dificuldade e não ser bagunceiro” (QA3);

“Significa que estamos na escola para aprender e não bagunçar” (QA8).

- **Aluno é um ser que tem responsabilidades, deveres e respeito:**

“Ah, respeitar os mais velhos, fazer as obrigações, ter responsabilidades” (EA5);

“Ah, eu acho que é ter compromisso com os professores, fazer a lição que eles pedem, se você receber uma nota baixa, não brigar com o professor, tentar entender porque ele te deu essa nota” (EA2);

“É respeitar os professores, outros alunos e prestar atenção nas aulas” (QA12);

“Ter responsabilidade com o estudo” (QA10);

“... pra mim é se dedicar a aula, é se esforçar o mínimo que pode, igual eu faço, é isso, risos” (EA6).

- **Aluno é um ser preocupado com o futuro:**

“Ser alguém que não só vem para a escola, mas quer aprender e se preocupa com o futuro” (QA9);

“Uma pessoa que quer ter um futuro” (QA15);

“Uma pessoa que quer aprender, ter educação e ser alguém na vida” (QA5);

- **Aluno é um ser que vai para a escola:**

“Ir para a escola” (QA14);

“Ah, estudar, vim à escola, comparecer, participar das matérias” (EA4);

“É vir à escola todos os dias, estudar, ter força de vontade pra aprender” (QA1);

“Vir a escola” (QA2).

- **Aluno é um ser sociável e afetivo:**

“Estudar, fazer amigos, se divertir e etc.” (QA4);

Podemos observar que esses retratos se referem a um tipo de aluno, o aluno ideal, que sabe de suas responsabilidades, que procura se preparar para o futuro e que valoriza o ensino e o conhecimento.

Dentro de cada tópico, percebemos inscritas as crenças desses alunos, o julgamento de moral e valores, além daquilo que é correto dizer. Isso não significa que são assim, conforme seus discursos, e sim, o que deve ser respondido às outras pessoas e à sociedade:

Uma criança pode defender-se ou fazer-se valer utilizando um juízo a seu favor. Nada é mais natural que relatar um juízo positivo, no momento em que melhor serve os seus interesses. (PERRENOUD, 1995, p. 106).

Os alunos são mais espertos do que podemos julgar, eles sabem quando podem se deleitar das situações e quando precisam ter mais seriedade:

O aluno rapidamente se apercebe que, sobre um pano de fundo bastante constante, as variações são essenciais: para determinado professor, o aluno tem o direito de se enganar, de comunicar, de tomar iniciativas, de rir, de negociar um trabalho; para outro, só tem o direito de se calar e de executar o trabalho sem hesitar... (PERRENOUD, 1995, p. 202)

E dessa forma, interpretamos essas falas. Elas representam o que é socialmente aceito pelos outros, aquilo que é politicamente correto falar, e o que para eles também se constitui numa verdade. Porém, não é uma verdade refletida para que se torne uma realidade na vida deles, conforme veremos a

seguir, a maneira como eles se enxergam como alunos. Na verdade, eles se veem obrigados a dar uma resposta, ter uma opinião sobre este assunto, conforme nos apresenta Bondía:

E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem que ter uma opinião. (BONDÍA, 2002, p. 22)

Outra crença que aparece nas afirmações é que aluno é um ser que vai para a escola. Esse 'ir para a escola' é carregado de simbolismo, que conforme apresenta Perrenoud (1995), significa desenvolver um ofício, o de aluno na escola. Ir para a escola confere ao aluno um ofício, um trabalho, um papel, uma identidade. Para o autor, o ofício de aluno vem preparar o indivíduo para o futuro, para o ofício de cidadão, de ator social ou trabalhador.

Só que o trabalho escolar é diferente dos outros trabalhos, porque não tem uma utilidade visível, "a sua principal razão de ser, em princípio, é a de favorecer ou a de consolidar aprendizagens" (Perrenoud, 1995, p. 69). Os alunos gostam de ter esse ofício embora não dê um retorno financeiro, mas é também da onde tiram seus meios de sobrevivência: "O trabalho escolar não proporciona qualquer rendimento monetário, mas no imediato garante a aprovação dos adultos" (Perrenoud, 1995, p. 69).

Porém, esse aluno não é só trabalho e responsabilidades, ele também tem sua dimensão social e afetiva que faz parte do processo de construção da identidade, conforme discutido nos tópicos anteriores. Essas extensões são extremamente importantes, pois correspondem às características intrínsecas do ser humano que é um ser sociável por natureza, e pensando que para viver em qualquer tipo de organização, como escolas, empresas, clubes, etc., essas extensões serão requeridas.

4.4.1 Eu sou aluno

Neste tópico, apresentamos como esses alunos se percebem enquanto aluno.

Qualquer indivíduo é, em última instância, singular, único. Isso não implica que não se possam realçar denominadores comuns: a pertença a uma determinada geração, a uma determinada família ou

classe social, a uma comunidade que gera habitus que, sem serem idênticos, apresentam traços semelhantes. O estudante investe no seu ofício a partir da sua singularidade, mas também a partir de tudo o que ele deve às diversas facetas da sua socialização. (PERRENOUD, 1995, p. 202)

Aqui os alunos mostraram suas particularidades e também algumas crenças que compartilham enquanto grupo. Quando questionados como eles se veem e como se construíram como aluno surgem respostas que vão desde uma mudança de comportamento até aqueles que se mantiveram desde o início da vida escolar com o mesmo jeito de ser:

“Às vezes eu cumpro com as atividades, não muito porque, tipo, eu não tenho tempo, eu ajudo a minha mãe lá em casa, eu faço as atividades, sou boa em sala de aula. Antes, não, era diferente, dava trabalho, ficava zoando com as meninas. Não fazia lição, não fazia trabalhos, tirava só nota vermelha. Ah eu fui aprendendo a dar valor nos estudos, daí eu fui mudando. Porque minha mãe fala todo dia: ‘você não quer ser doméstica, você não quer ser isso, então você tem que ligar pro seus estudos, porque amanhã pode ser tarde demais’. Aí daí eu comecei a dar valor. Tipo, falei, meu sonho é ser cantora de Funk, não sei, mas eu não sei né” (EA1);

“Na 4ª eu fui nerd, só 7 e 8 de média. O resto só 6, 7 por aí. Não sei, vai saber, a matéria ficou difícil” (EA3);

“Mais ou menos, porque às vezes eu não presto atenção, às vezes eu disperso, minha mãe fala que desde pequenininha eu sou faladeira, que eu falo muito com os outros, com qualquer um. Ah, porque qualquer coisinha eu já olho, minha mãe fala assim que eu tenho um sono muito fraco, porque às vezes eu to dormindo, eu levo um susto e acordo, ouço barulho e acordo, então...” (EA4).

“Eu fazia tudo, respeitava o professor, fazia a lição de casa. Depois da quinta série que passou a ter mais professor eu não faço mais nada”(EA5); *“Eu sempre gostei de piada, de dar risada, eu sempre fui assim, desde pequena, do pré, até agora”* (EA6).

É possível observar que os sujeitos dessa pesquisa se enxergam como aluno de modo diferente daquele tipo de aluno que descreveram, e isso pode ser justificado pela explicação já dada, que quando foram questionados se preocuparam em dar uma resposta “correta”. No entanto, todos eles, de alguma forma, mostram uma justificativa por não serem como deveria ser um ‘aluno modelo’.

De todos os participantes, apenas um aluno se reconheceu como um aluno exemplar:

“Eu não era, como se pode dizer, nerd. Eu não prestava atenção na aula, etc. Mas a partir da segunda e terceira série, eu já, eu via alguns amigos meus nerds, minha mãe ficava me influenciando pra eu ser alguém na vida, eu comecei a estudar, eu comecei a ler bastante livro, é por isso que eu sou hoje o que eu sou. Exemplar. Era desse jeito mesmo. Eu não pensava que o mundo ia ser desse jeito, eu pensava que ser advogado ia ser uma coisa fácil, não precisava de bastante estudo. Na verdade eu não gosto de ir (pra escola), mas como tem que ir né? É por causa que tem que sair do computador, do celular, etc. entendeu? Não permite entendeu?” (EA2 – grifos nossos).

Também se mostrou nesse tópico a crença de que muitos alunos (9) se tornaram alunos apenas pelo fato de ir e frequentarem a escola; ou com a mãe fazendo a matrícula,: “Indo para a escola” (QA15); “Com a minha mãe fazendo a matrícula” (QA14); “Indo para a escola” (QA13); “Entrando na escola” (QA12); “Indo para a escola, aprendendo com os outros” (QA11); “Fui para a escola” (QA10); “Entrando no Pré-I, no primeiro dia é nervoso, mas depois de um tempo você se acostuma” (QA9); “Minha mãe me matriculou” (QA7); “Assim que eu entrei na escola” (QA5); “Assim que entrei na sala de aula” (QA2). Estes relatos seguem a perspectiva apontada por Perrenoud (1995, p. 16) quando apresenta que o ofício de aluno é “menos livremente escolhido que qualquer outro”.

O autor também destaca a atribuição de um ofício, porém, essa crença vem complementada por outra, que é a influência dos pais, fato que também foi relatado pelos participantes, não se constituindo em um processo neutro, mas com algumas interferências: “Porque meus pais me falaram como realmente é a vida” (QA1); “Estudando e graças aos meus pais” (QA4). Para finalizar, um aluno mostrou que se tornou aluno após vivenciar o ofício: “Quando comecei a estudar mais e fazer lição” (QA8). Muitas pessoas passaram ou passam por essa situação de ser aluno, porém, não acontece de resignificar essa vivência para que se torne uma experiência, para saber de fato o que é ser aluno.

Portanto, ao frequentarem a escola, concluímos que cada indivíduo tem a sua concepção sobre o que é aluno e o que é ser aluno, e cada um desenvolve o seu ofício à sua maneira: “o ofício de aluno não é igual para todos” (PERRENOUD, 1994 p. 201).

Para finalizar, cada aluno também traz da sua vida escolar fatos que marcaram suas vidas pessoais e que levarão como lembrança por toda a sua existência. Esses acontecimentos são referentes aos laços afetivos,

constituição de grupos, descoberta da sexualidade, e etc.: “Tirei meu BV²¹ dentro da sala de aula. Foi na troca de aula. 5ª série” (EA3);

Ah, assim, acho que a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi conhecer a minha melhor amiga. No Pré-I, nossa amizade, já faz 9 anos que a gente se conhece. Assim, o nome dela é S., que eu considero ela uma irmã que eu nunca tive, porque eu só tenho um irmão, e só. (EA4).

A escola se estabelece como um lugar de ricas e diversas interações, onde os alunos podem se relacionar de maneiras diferentes frente às distintas situações. Nesse caso, vemos que se comportam como adolescentes/ jovens, porque assim podem ter esse tipo de atitude dentro da escola, e se fosse outra situação, por exemplo, em uma conversa com um professor, se comportariam como alunos, conforme apresenta Camacho (2004): “dentro dos limites do espaço escolar se expressam como alunos na presença dos adultos e como jovens nas suas relações de sociabilidade com seus pares” (p. 340).

4.4.2 Dialogando com a Educação Física

E como a Educação Física, enquanto disciplina escolar dialoga com todas as questões exploradas nos tópicos do Capítulo 3? No presente capítulo trataremos de contextualizar e situar a educação física e sua importância no ambiente escolar.

Através das aulas de Educação Física foi possível observar que os alunos apresentam comportamentos e atitudes diferentes quando comparados às outras aulas, onde o conteúdo se desenvolve dentro da sala.

Tais atitudes e comportamentos se desenrolam de maneira livre. Isto é, outro tipo de conversa, mais risadas, mais ações dinâmicas, mais movimentos como correr, saltar, dançar, entre outros. Muitas vezes, estas expressões livres são possíveis devido ao estereótipo que a disciplina de Educação Física Escolar carrega, ou seja, como um espaço de recreação ou aula livre.

Porém, sem entrar nessa discussão e retomando o fato dos alunos terem mais liberdade de expressão nas aulas de Educação Física, é possível identificar nesses comportamentos e atitudes características mencionadas ao

²¹ BV é uma sigla que corresponde expressão Boca Virgem. Uma pessoa BV é uma pessoa que nunca deu o primeiro beijo.

longo deste trabalho, como trejeitos de famosos, uso de acessórios veiculados pela mídia, cabelos pintados, maquiagens, estilos de roupas, linguagem impregnada de gírias, entre outras, que são resultados da influência das mídias.

Durante a aula de Educação Física pode-se perceber a presença das mídias, como por exemplo, baseado nas observações da autora, o uso constante do celular. Alguns alunos chegam ao ponto de fazer a aula com o aparelho celular na mão, e outros que deixam no bolso da calça e a todo instante pegam para olhar e mexer.

Porém, a influência não é só a tecnológica, também existe a influência indireta, quando apresenta corpos que se estabelecem como padrões de beleza, e a vida de um atleta, com a profissão ideal de jogador de futebol. Daí surge como resultado essas características de famosos, as aparências, e o gosto típico, que para Bourdieu seria o *habitus* específico desse grupo de alunos: “um conjunto de disposições, de maneiras de pensar, de sentir, de se comportar, socialmente constituído e incorporado pelos indivíduos” (BOURDIEU, 1971 apud BELLONI, 2007, p. 71).

É nesse espaço que se pode encontrar os alunos agrupados com seus pares, com aqueles que tem mais afinidade, que se identificam, formando os grupos de pertença. E muitas vezes são nesses mesmos grupos que trabalham durante as aulas, dando a este trabalho um toque mais lúdico, por estarem com os pares que se simpatizam.

Através desse convívio, realizam trocas, observam e imitam, na busca por uma identidade, por uma autoafirmação. Dessa maneira, as aulas de Educação Física são capazes de proporcionar momentos mais propícios para a socialização, contribuindo para a construção de identidades, como também a identidade de aluno.

Porém, as mídias não fogem dos conteúdos das aulas. Fazem-se presentes discussões quanto à sua influência, levando os alunos a questionamentos quanto ao seu exercício na vida das pessoas e deles mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IDENTIDADE CULTURAL COMO UM DESAFIO A SER EXPLORADO

A partir da nossa investigação, foi possível transitar pelo meio escolar e pelas interações que os alunos mantêm com a mídia e suas ferramentas. Pudemos constatar que os alunos levam elementos da vida pessoal para a vida escolar, fazendo com que estes dois mundos, muitas vezes tornem-se um só.

Um dos principais elementos que influenciam neste ir e vir é a mídia, considerando o contato dos alunos com a televisão e a internet. Ou seja, o que eles conhecem, assistem, buscam nestes meios de comunicação, se apropriam na forma de gestos, gírias, atitudes e comportamentos observados principalmente nas aulas de educação física e nas horas livres (intervalo, horários de entrada e saída, trocas de professores), compartilhando com os colegas da escola constituem o que poderíamos chamar também de uma identidade cultural.

Esta identidade vem permeada no âmbito de uma pedagogia midiática, que por ser pedagogia tem algo a ensinar. As instâncias culturais também são instâncias pedagógicas, pois transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação da identidade e da subjetividade. Assim essa forma de conhecimento influenciará o comportamento das pessoas de maneira crucial (SILVA, 1999).

Este movimento forma uma imensa rede de trocas pessoais, que acabam de alguma maneira influenciando nas atitudes enquanto alunos assim como na identidade biográfica e na identidade relacional. Desse modo, o “espaço livre” das aulas de Educação Física acaba se constituindo num lugar de manifestações cultural dos diferentes grupos que se organizam e se rebelam contra a “moral dos bons costumes”. Resta saber o que a Educação Física fará com essas manifestações culturais sem ficar estigmatizada no “rola a bola” ou no “tempo livre”. Porém isso é assunto para outra pesquisa, assim como a ideia de identidade cultural se constitui num desafio a ser explorado.

Por outro lado, reconhece-se que, além destas questões, a televisão e a internet auxiliam nos estudos e na aprendizagem, podendo ser motivo de dispersão em alguns momentos.

Todo este cenário faz parte da constituição da identidade da pessoa, ou seja, é um processo de socialização que dialoga entre o indivíduo ativo e as influências dos elementos presentes na sociedade.

O que nos cabe refletir é sobre o tipo de aluno que a escola está recebendo atualmente. É importante, pois, que o professor conheça o que seus alunos vivenciam em sua vida pessoal e o que levam para o currículo oculto das escolas, o que compartilham.

Assim, o docente pode refletir sobre quais as formas e estratégias de intervenção que pode realizar para que as experiências que os estudantes levam para a escola sejam consideradas e ressignificadas, possibilitando assim, que sua identidade esteja em constante movimento de construção.

No que tange a sua identidade enquanto aluno, o que podemos perceber é que os participantes identificam que aluno é alguém que segue a moral dos bons costumes, ou seja, é aplicado, estudioso, realiza todas as tarefas. No entanto, quando questionados como se veem e como se tornaram alunos, eles apontaram questões relacionadas ao seu mau comportamento, ou que levam os estudos de maneira mais amena, como foi demonstrado no capítulo 4.

Partindo disso, podemos concluir que muitos alunos estão na escola apenas reproduzindo uma ideia de que significa ser aluno. Eles não vivem o que de fato pensam ser um aluno de verdade. E por que isso acontece? Muitas podem ser as respostas, porém, acreditamos que isso acontece porque eles não são levados a refletir, no dia-a-dia, no cotidiano escolar, sobre o real papel que desempenham, sobre o ofício que tem, sobre o que é ser aluno, e quais as implicações do bom ou mau uso dessa condição pode agregar às suas vidas, para sua comunidade e sociedade.

Com isso, questionamos: se para eles, ser aluno é ser estudioso, e eles não se reconhecem como alguém que segue esta perspectiva, será que nossos participantes se reconhecem como alunos? De que forma eles se identificam?

Dessa forma, encerramos este trabalho, indicando a realização de novas buscas e representações sobre a vida de aluno. Precisamos pensar em alunos que possuam identidades, e o mais importante, colocar isso para os próprios alunos, e direcioná-los para uma ressignificação de suas práticas, seu ofício e sua vida de aluno, sem deixar de considerar o aluno enquanto pessoa, suas

necessidades e transformações que seu corpo pode estar passando nessa etapa da vida.

São questões que nos possibilitam continuar a refletir sobre a temática e deixar em aberto para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. A Abordagem Qualitativa de Pesquisa. In: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar: A Abordagem Qualitativa de Pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995. p. 16-17. (Prática pedagógica).

ALVES, Z. M. M. B; SILVA, M. H. G. F. D.; **Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: Uma Proposta**. Paideia FFCLRP- USP, Ribeirão Preto, 2 Fevereiro/Julho, 1992.

ÁVILA, Conceição Aparecida de; BARROS, Maria Lucia Faria de (Org.). **Proposta Curricular para o Ensino de Educação Física 2º Grau**: versão preliminar. São Paulo: República Federativa do Brasil, 1992. 53 p.

BARROS, Daniela Dias. Imagem Corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde**, – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.547-554, ago. 2005.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.57-82, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1629>>. Acesso em: 16 set. 2013.

BENITES, L. C. **Identidade do professor de Educação Física**: um estudo sobre os saberes docentes na prática pedagógica. 2007.

BETTI, M. **Educação Física e Mídia** Novos Olhares, Outras Práticas. 2003. 137f. Livro, Editora Hucitec. São Paulo.

BETTI, M. A **Janela de Vidro** Esporte, Televisão e Educação Física.1998. 159f. Livro, Editora Papirus. Campinas, SP.

BRASIL, MEC, SEB. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC, SEB, 2006.

BOCCHI S.C.M., JULIANI C.M.C.M., SPIRI W. C. **Métodos Qualitativos de Pesquisa: uma tentativa de desmistificar a sua compreensão**: manual de estudos para alunos da pós-graduação pretende ser um guia orientador em alguns dos métodos de pesquisa qualitativa. Departamento de Enfermagem- Departamento de Medicina da Unesp. Botucatu 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 19, p.20-28, 2002.

CALABRESI, Carlos Augusto Mota. **Com que corpo eu vou? A Beleza e a Performance na Construção do Corpo Midiático**. 2004. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Unesp, Rio Claro, 2004.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p.325-343, 2004.

CASARIM, Sarita Eterna Lopes. **Infância e Imagem: Filme Publicitário, Escola e Modos de ser Criança**. 2012. 86 f. Tese (Mestrado) - Instituto de Biociência do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

CONTI, Maria Aparecida et al. A Mídia e o Corpo: o que o jovem tem a dizer?. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 04, p.2095-2103, jul. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000400023>. Acesso em: 12 out. 2013.

CYRINO, Marina. **Formação Inicial de Professores: o compromisso do professor-colaborador e da instituição escolar no processo de estágio supervisionado**. 2012. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista- Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2012.

DUBAR, C. **A Socialização- Construção das identidades sociais e profissionais**. 1995. 239f. Livro, Porto Editora.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Acesso em: 25 mar. 2013 disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 143 p.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 1999. 207f. Livro. Editora Atlas. 5ª Edição

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar- Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. 2004. 8ª Edição Editora Record.

LIBÂNEO, José Carlos. Cultura Jovem, Mídias e Escola: O que muda no trabalho dos professores. **Educativa**, Goiânia, v. 6, n. 1, p.25-46, 2006.

MAHONEY, Abigail Alvarenga et al. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, p.11-30, 2005.

MELO, José Marques de (Org.). Estímulos Midiáticos aos Hábitos de Leitura. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês. **Mídia, Educação e Leitura**. 21. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999. Cap. 2, p. 39; 42; 43.

MIRANDA, Luciano. Os usos sociais da técnica fotográfica: Os usos sociais da mídia. In: MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. 34. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. Cap. 2, p. 63, 67.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI:: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, Natal, v. 40, n. 141, p.965-991, Não é um mês valido! 2010.

NJAINE, Kathie. Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p.381-392, 2006.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade étnica, identificação e manipulação**. *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2, jul./dez. 2003, p. 117-131.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf> Data de acesso: 23/03/2013

PEREIRA DOS SANTOS, R. Sujeito, Discurso e Ideologia: a constituição de identidades na cultura midiática. **Culturas Midiáticas**, Paraíba, v. 2, n. 1, jun. 2009.

PERRENOUD, P. **Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar**. 1995. 238f. Livro, Porto Editora.

RIZZINI, Irene et al. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p.41-63, 2005. Jul/ Dez.

RUSSO, Renata. Imagem Corporal: a construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p.80-90, jun. 2005.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Aluno Como Invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHOEN-FERREIRA, T.H; AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E.F.M. **A Construção da Identidade em Adolescentes**: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia* 2003, 8(1), 107-115.

SILVA, Shirley Cabarite da; REIS, Ivan D. Oliveira; SILVA, Katcilene Vieira da. A gíria no cotidiano escolar adolescente. **Linguística**, São Paulo, n. 116, p.25-28, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica Editira, 1999. p. 139-142.

STRASBURGER, Victor C. et al. **Crianças, Adolescentes e a Mídia**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996. 80 p.

TARDIF, M. **Saberes Docentes-** Formação Profissional. 2010. Editora Vozes. 10ª Edição.

TOLEDO, Ciça. Para Entender a Relaçãp Educação-Imprensa. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês. **Mídia, Educação e Leitura**. 21. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999. Cap. 3, p. 49 e 55.

TONUS, Loraci Hofmann; CASAGRANDE, Emanuele. REGISTRO LINGÜÍSTICO DE GÍRIAS USADAS POR ADOLESCENTES. **Synergismus Scyentifica UTFPR**, Pato Branco, n. 2, p.1-2, 2007.

APÉNDICES

Modelo de Questionário

Parte A. Identificação	
Nome: _____	
() Feminino () Masculino	Data de nascimento: __/__/__
Com quem você mora?	
<input type="checkbox"/> Com meus pais <input type="checkbox"/> Com meus avós <input type="checkbox"/> Com parentes da família <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____	
Onde você estudou?	
Nome da Escola de Educação Infantil: _____	
Nome da Escola de Ensino Fundamental I: _____	
Parte B. Perfil do participante	
1. Pratica algum tipo de atividade física ou esportiva? _____ Se sim, qual? _____	
2. O que você tem na sua casa (assinale com um X)? <input type="checkbox"/> Televisão <input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> TV a cabo <input type="checkbox"/> Espaço para estudo <input type="checkbox"/> Outro _____	
3. O que você utiliza no seu dia-a-dia (assinale com um X)? <input type="checkbox"/> Celular <input type="checkbox"/> Televisão <input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> TV a cabo <input type="checkbox"/> Espaço para estudo <input type="checkbox"/> Outro _____ Entre os assinalados, qual que você mais utiliza? _____	
4. Você tem facebook? _____ Quanto tempo você utiliza por dia? _____	
5. Utiliza e-mail? _____ Quanto tempo você utiliza por dia? _____	
6. Assiste televisão? _____ Quanto tempo você utiliza por dia? _____	
7. Qual é a importância da internet e da televisão na sua vida? <input type="checkbox"/> pouco importante, quase não utilizo. <input type="checkbox"/> tanto faz, posso fazer outras coisas se não tiver TV ou internet. <input type="checkbox"/> muito importante, não vivo sem.	
8. Com qual famoso(a) você mais se identifica? _____ Por que? _____	

Você gostaria de ser este(a) famoso(a)? _____

Você fica muito tempo pensando ou procurando algo sobre essa pessoa? _____

Onde busca? _____

9. Em sua opinião, o que significa ser aluno?

10. Como você se tornou aluno?

11. Qual é a influencia que os seus colegas exercem no seu perfil de aluno?

12. Em que medida a internet e TV influenciam no seu perfil de aluno?

13. Outras influências que você acredita que receba do seu meio.

Modelo de Roteiro de Entrevista:

1º Você acha que a TV, a Internet, o celular te ajudam na escola ou eles atrapalham?
2º Que programa de televisão você assiste?
3º O que você faz quando não está na escola?
4º Que tipo de música você gosta?
5º Você se inspira em alguém para se vestir?
6º Você costuma usar gírias? Por quê? Quem te ensinou?
7º Você gostaria de ser algum famoso? Qual? Por quê?
8º Você faz parte de alguma rede social? Quanto tempo você fica conectado?
9º Você gosta de vir para a escola? Do que você mais gosta na escola?
10º Você acha que seus colegas parecem algum famoso? Quem?
11º O que você acha que seus colegas pensam sobre você? E você como aluna(o)?
12º Pra você o que é ser aluno?
13º Como você era como aluna(o)?
14º Algo que aconteceu que marcou sua vida escolar?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Eu Raquel Belintani Ferreira, RG 46.432.917-6, estudante do curso de Licenciatura em Educação Física, estou desenvolvendo o projeto de pesquisa de trabalho de conclusão de curso “**A MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**”, para a obtenção do título de licenciada em Educação Física. No desenvolvimento desse projeto o pesquisador responsável e orientador é o Prof. Dr. Samuel de Souza Neto, docente do departamento de Educação. Porém, para que esse trabalho aconteça há a necessidade da participação de escolares na faixa etária de 12 a 15 anos. Assim, senhores pais e/ou responsável pelo menor venho solicitar autorização para convidar o(a) seu(sua) filho(a) ou menor sob a sua responsabilidade para participar dessa pesquisa que tem como objetivo geral compreender como esses escolares constroem a sua identidade de aluno e as representações sociais da imagem corporal que carregam influenciados pelo processo de comunicação/mídia (especialmente a televisiva) no meio da escolarização, tomando como referência as aulas de Educação Física. Especificamente se busca: (I) verificar quais são as representações de corpo e identidade em escolares de 12 a 15 anos; (II) examinar quais são os fatores que influenciam na formação da representação de corpo e de identidade nos escolares, e; (III) identificar o papel dos meios de comunicação/mídia na representação de corpo e de identidade no aluno. A participação de seu (sua) filho (a) será no sentido de dar uma entrevista individual e responder um questionário. Os eventuais riscos relativos a esta pesquisa podem ocorrer no momento da realização da entrevista individual e do grupo focal (entrevista coletiva) em termos de constrangimento e na análise dos dados se esta não for fiel ao que foi falado. Para minimizar esses riscos, o roteiro de entrevistas e o questionário, será elaborado de modo a evitar constrangimentos e questões que envolvam aspectos de foro íntimo. As entrevistas serão gravadas em áudio e o questionário será respondido no papel. Ambos serão realizados em clima amistoso e de respeito aos participantes. No que tange à análise dos dados, esta será efetuada de modo a respeitar a opinião do participante, sendo fiel às suas manifestações, não emitindo juízos de valor sobre as respostas dadas. Da mesma forma também se torna fundamental registrar que está assegurada a liberdade de desistência ou continuidade na pesquisa, bem como o direito de solicitar a qualquer momento esclarecimentos sobre a mesma ou encerrar a participação, sem nenhuma penalidade. Além disso, se o(a) seu(sua) filho(a) se sentir constrangido(a) ou incomodado(a) com alguma questão terá total liberdade de não respondê-la, sem que isso signifique qualquer penalidade. Caso ele(a) se sinta inibido(a) com a gravação do áudio, esta poderá ser interrompida a qualquer momento. Em relação aos benefícios dessa pesquisa, eles dizem respeito a um aprofundamento do conhecimento na área da Educação Física, Mídia e Formação. Os dados obtidos por meio dessa pesquisa serão utilizados somente para fins científicos e o nome do participante será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número/letra. Os dados serão divulgados, inicialmente por meio do trabalho de conclusão de curso e posteriormente em periódicos e eventos científicos. Dessa forma, o participante terá a garantia de esclarecimento em qualquer momento da pesquisa, por meio do contato com o pesquisador (telefones para contato estão transcritos abaixo) ou ainda, junto ao Comitê de Ética do IB/RC por meio do telefone (19) 3526-4205. Cumpre informar, ainda, que ele(a) não terá nenhum gasto para participar dessa pesquisa, da mesma forma que não receberá nenhuma remuneração. Se você, pais e/ou responsáveis pelo menor estiver suficientemente esclarecido(a) convidado-o(a) a assinar esse Termo elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra com você.

Título do Projeto: “A MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”

Pesquisadora: Raquel Belintani Ferreira

Cargo/função: Estudante de licenciatura em Educação Física

Instituição: Instituto de Biociências – UNESP - Rio Claro – Departamento de Educação

Endereço: Avenida 24-A, nº1515, Bairro Bela Vista, CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3984-5109- (19) 8219-1550.

e-mail:

kel_belintani@hotmail.com

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Samuel de Souza Neto

Cargo/função: Professor Adjunto do Depto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Instituição: Instituto de Biociências – UNESP - Rio Claro – Departamento de Educação.

Endereço: Avenida 24-A, nº1515, Bairro Bela Vista, CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526-4276

e-mail:

samuelsn@rc.unesp.br

Dados dos pais e ou responsável do menor participante da pesquisa:

Nome: _____

RG: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: _____

Endereço: _____

CEP _____

Fone: _____/_____

E-mail: _____

Assinatura: _____

Pesquisador responsável/Orientador
Prof. Dr. Samuel de Souza Neto

Pesquisadora: Raquel Belintani Ferreira